

FÉRIAS

**Marta
Laurencena
de
Dergarabedian**

Edições Cristãs

- Mamãe, a senhora não esqueceu do casacão e nem das chuteiras, não é? - gritou Ricardo desde a sua cama.- Dizem que de noite refresca muito. E não se esqueça também de pôr papel de carta e uns envelopes na minha mala. E...

- Será melhor que durma já! - afirmou a mamãe, aproximando-se do menino. - O dia todo você tem estado dando-me instruções. Acho que você já pode dormir sossegado. Não temos esquecido de nada. E se você continuar pedindo que eu ponha na mala tudo quanto vem à sua cabeça, então vai precisar levar um baú.

Aproximou-se da cama e observou a carinha radiante de seu filho. Que excitado ele estava! Fazia várias semanas que não falava de outra coisa senão do Acampamento onde iria passar várias semanas durante as férias, junto com outros meninos e meninas. Era o primeiro ano que o deixavam ir “sozinho” de férias.

A novidade parecia ter afetado a família inteira, pois que não se falava de outra coisa. O dia inteiro, tal como a mamãe tinha dito, Ricardo tinha andado atrás da mamãe perguntando, aconselhando, comentando e desfrutando antecipadamente dos dias felizes que se aproximavam.

- Ouça, querido, esta noite desejo que, de uma maneira toda especial, você se encomende nas mãos de Deus. Assim, pois, antes de adormecer, peça-Lhe que Ele acompanhe você e as outras crianças durante a viagem e nos dias de Acampamento.

- Sim, mamãe. Fique aqui comigo.

Ambos inclinaram suas cabeças e então Ricardo orou mais ou menos com as palavras com que sempre o fazia, mas no final acrescentou:

- Ó Senhor, Te peço que cuides de mim durante a viagem e no Acampamento. E também das outras crianças e dos conselheiros, que agora estão preparando suas malas. Peço-Te também por papai e por mamãe, por Isabel e pelos avós. Por Jesus, amém.

Depois de dar um abraço carinhoso e um forte beijo à mãe, esta apagou a luz e saiu do quarto.

- Não se esqueça de pôr o despertador às seis; quero estar cedo na praça de onde vai sair o ônibus. Se chegar tarde, ele vai embora e me deixa...

- Sim, Ricardo. Você estará lá a tempo. Mas se não dormir já, duvido que consiga levantar cedo. Boa noite!

A cabeça de Ricardo desapareceu debaixo dos lençóis e a paz reinou em toda a casa.

Quando mais tarde o papai e Isabel chegaram à casa, foram ver o quarto de Ricardo e encontraram tudo preparado: perto da porta estava a mala sobre a cadeira e, arrumados, como poucas vezes acontecia, estavam as calças, a camisa xadrez que ganhara no Natal e o blusão de couro que o tio Aníbal lhe tinha dado em seu último aniversário.

- Como eu gostaria de saber o que ele está sonhando! - exclamou o pai.

Isabel se aproximou e beijou seu irmão na testa. O pai, em pé, ao lado da cama, elevou a Deus uma silenciosa oração dando graças pela preciosas vidas que tinha como laço sob aquele teto.

Na manhã seguinte, logo cedo, todos estavam em pé. E, com tempo mais do que suficiente, foram à praça onde deviam encontrar-se todos os acampantes. o ônibus já estava lá, esperando-os. À medida que iam chegando, a diretora e os conselheiros os cumprimentavam e os ajudavam a acomodar as malas e pacotes no porta-malas do ônibus.

Depois de esperar vários retardatários, pois nem todos tinham madrugado como Ricardo, estando a lotação do ônibus completa, partiram entre os gritos das crianças e as despedidas carinhosas e as últimas recomendações dos pais.

- Brrr..., brrr, brrr... - rugiu o ônibus e saiu. Momentos depois, precisou parar diante das muitas barreiras que havia na cidade, nas várias passagens junto à estrada de ferro. Mais barulho que o do motor era o produzido pelas reclamações que se ouviam dentro do ônibus.

- Ei, guarda-barreira! Até quando vamos ficar aqui parados?

- Sempre acontece o mesmo! Quanto mais pressa se tem, mais barreiras se fecham à nossa frente.

- É que muitas vezes eles estão dormindo.

_ Melhor é que durmam com a barreira abaixada do que quando ela está levantada.

A passagem veloz de uma máquina acabou com os comentários e, no meio de muitos aplausos, o ônibus prosseguiu sua viagem.

- Senhor Pedro, falta muito para chegar? - perguntou Luizinho, um dos menores acampantes.

O conselheiro consultou seu relógio, olhou pela janela e acabou de calar a ansiedade do acampante.

- Olhe, para dizer a verdade, não lembro bem do caminho; mas me parece que devem faltar uns trinta minutos.

Na parte traseira do ônibus havia começado uma calorosa conversa que atraía a atenção de muitos.

- Eu lhe digo que na piscina podemos entrar tantas vezes quantas queiramos. É sim, senhor - afirmou Alberto, um dos

maiores, que parecia dominar a discussão com seu tom autoritário.

- Eu acho que há certas horas dedicadas ao banho - opinou Graziela.

- Fora do horário de piscina, você não pode entrar na água - disse Marcelo. - Mas perguntem para o Joãozinho; ele esteve ali no ano passado.

- Ei, Joãozinho! - gritaram vários porque, pelo jeito, o assunto era de interesse geral. Joãozinho tinha atraído momentos antes a atenção dos menores porque tinha estado contando algumas das experiências no Acampamento anterior. Quando lhe perguntaram acerca da piscina, ajoelhou-se no assento e, olhando para trás, disse:

- Na piscina podemos ir duas vezes por dia, se o tempo estiver bom. Uma vez de manhã e outra à tarde. Mas muitas crianças ficam sem ir à piscina quando...

- ... quando estão resfriadas - interrompeu Daniel.

- Claro. Se você estiver com tosse ou se não estiver passando bem não deixarão você ir à piscina. Mas os conselheiros, quando alguém faz traquinagem ou bagunça na tenda de lona de noite, não deixam que ele entre na piscina - acrescentou o Joãozinho em voz mais baixa e olhou para onde estavam a diretora e os conselheiros.

Mas estes não o escutaram, pois estavam ocupados conferindo a lista de meninos e de meninas e distribuindo-os em vários grupos.

- Então é como um castigo, não é? - perguntou Margarida. - Mas eu estou certa de que não vou deixar de ir nenhum dia para a piscina, porque eu me comporto muito bem e nunca faço bagunça.

As meninas olharam, sorrindo, para ela porque muitas a conheciam bem e sabiam que Margarida, apesar de tão orgulhosa com seu comportamento, também fazia das suas.

- Chega de eu, eu... - interrompeu dona Suzana, que tinha escutado as palavras de Margarida. - Está começando mal o Acampamento se está confiando tanto em seu "eu". Pode ser que tentada a fazer alguma travessura ou a comportar-se mal a qualquer momento como qualquer outra criança.

- Chegamos, chegamos! Viva o Acampamento!

Um dos que estavam na frente do ônibus deu a boa notícia e todos começaram a preparar-se para descer. A viagem tinha demorado menos do que esperavam e muitos estavam achando que não podia ser que já tivessem chegado.

Ricardo, que durante a viagem dividiu sua atenção entre a paisagem e os comentários dos companheiros, olhou pela janela para ver com seus próprios olhos o tão sonhado Acampamento.

- Tinha razão o meu primo Raul - disse o menino ao seu lado. - Isto é magnífico! Olhe... Olhe lá está a piscina! E as tendas de lona lá no fundo!

Foi apenas uma questão de poucos minutos e o ônibus ficou vazio. Meninos e meninas se espalharam pelos quatro cantos do Acampamento, que se encheu de alegria.

.O.O.

2

Os dias de Acampamento eram muito ativos para o barulhento grupo de quarenta e oito crianças que corriam entre as tendas de lona, o refeitório, a piscina, os caminhos por entre os pinheiros, o bosque de eucaliptos, o grande salão e o pequeno campo de futebol.

Desde as sete horas da manhã, quando soava o apito indicando que estava na hora de todos se levantarem, até todos se deitarem, às dez e meio da noite, quando se ouviu novamente o apito chamando para o descanso e o silêncio, tudo era movimento, risadas, cântico e briguinhas.

Ricardo deliciava-se a cada momento do dia. Apesar de conhecer poucas das crianças, logo fez amizade com várias delas. Com Marcelo, um rapazinho quase da sua idade, logo travou uma amizade bem forte. Faziam parte do grupo número três e, além dos dois, havia também a Viviane, a Ester, o Ernesto e o Luizinho. O restante dos acampantes estava dividido em mais sete grupos.

- Já ouviu falar de Dorita? - perguntou-lhe Marcelo uma tarde, enquanto descansavam sentados embaixo de uma árvore, após o almoço. - É aquela menina magrinha que está no grupo seis, o da senhora Cristina.

- Não - respondeu Ricardo.

- Ela é muita engraçada! É filha de italianos e parece que em casa falam pouco o português. Ela mistura as duas línguas ao falar. Todos riem dela quando a ouvem falar. A chamam de "Tanita".

- E ela não acha ruim?

- Três por quatro está chorando; quase que nem tem coragem de abrir a boca. Sua mãe está no Acampamento, ajudando na cozinha. Parece que Dorita esteve bem doente até faz pouco tempo; por isso deixaram que a mãe a acompanhasse; ela está fazendo um tratamento especial e tem que tomar muitos remédios. Cada vez que caçoam dela, ela sai correndo atrás da mãe.

Ricardo se levantou para ver melhor "Tanita". A menina estava encostada numa árvore, lendo uma revista. Todos os outros estavam conversando e rindo e era evidente que Dorita não ficava à vontade no meio dos outros.

- E a diretora e os conselheiros não os repreendem? - perguntou Ricardo a Marcelo.

- Sim, já falaram que não devem caçoar dela e que o primeiro que for encontrado burlando-se vai levar um castigo. Mas quando ficam sozinhos, nem que seja por um momento, para divertir-se, a fazem falar e então morrem de rir dela.

- Vamos à piscina! - gritou Ricardo, interrompendo-o, ao escutar o apito que indicava o fim do descanso e a hora do banho.

Todas as crianças correram para trocar de roupa. O banho de piscina era a atividade para a qual eram mais rápidos, depois das refeições,. Nestas horas não havia retardatários. Para esta tarde, os conselheiros tinham organizado um torneio relâmpago de natação. Ricardo estava entre os que iam participar. Impaciente, esperou sua vez. Tinha que correr junto com Grazielle, Mabelita, Davi e Alberto.

- Ninguém pode ficar dentro da piscina enquanto durar a competição - disse o senhor Pedro, antes de começar a prova.- Somente os que fazem parte dos grupos e que vão competir é que devem ficar parados aqui. Os outros devem ficar em volta da piscina.

Quando chegou a vez do grupo de Ricardo, este foi correndo, junto com os outros. Ricardo estava confiante.

Fazia vários anos que já sabia nadar e no clube onde passava a maior parte do verão participava frequentemente de competições, saindo-se bem. Ele achava que só Graziela, que nadava muito bem, podia ganhar dele.

Tudo aconteceu sem que Ricardo pudesse entender. Um segundo antes que o conselheiro desse o sinal de partida, Ernesto passou correndo por trás dos cinco competidores e empurrou Ricardo para a piscina. O conselheiro não viu o que tinha acontecido e achou que Ricardo tinha-se atirado à água antes do sinal. Ricardo foi desqualificado na hora. Saiu

da água todo bravo, enquanto os quatro restantes nadavam para o alvo. Aproximando-se do senhor Pedro, Ricardo começou a desculpar-se:

- Senhor, eu não me atirei à água. Quem me empurrou foi...

Mas não chegou a dizer o nome. Não quis acusar seu companheiro. Parecia que o senhor Pedro não tinha visto o ato de Ernesto. Ricardo sabia que, se contasse a verdade, Ernesto seria severamente repreendido. Seria proibido de banhar-se durante alguns dias como castigo e, com o calor que estava fazendo, seria um verdadeiro castigo para ele.

O conselheiro, que começou a escutar o que Ricardo tinha a dizer, distraiu-se controlando a chegada dos que estavam competindo. Ganou Graziela, tal como Ricardo tinha imaginado e todos a aplaudiram entusiasmadamente. Quando Ricardo se sentou à borda da piscina, junto a Marcelo, este começou a mortificá-lo:

- Então você ia chegar primeiro? Assim é como você ganha as competições no seu clube?

- Ernesto me empurrou e o conselheiro achou que eu me tinha atirado à água antes do sinal.

- Verdade? Eu não percebi. E por que você não conta isso ao senhor Pedro? Ele vai-lhe dar outra oportunidade.

- Comecei a dizer-lhe, mas depois tive pena de Ernesto. Percebi que já foi castigado várias vezes. O outro dia, ele ficou sem sobremesa por portar-se mal na hora do almoço. Lembra-se que ele afastou o banco das meninas quando elas se sentavam? Se eu o acusar é quase certeza que ele fica sem tomar banho.

O restante da tarde Ricardo esteve muito triste. O que tinha acontecido na piscina o desanimou muito. Teve até vontade de voltar para a sua casa!

A atividade de cada dia terminava com uma fogueira. Todos os acampantes, reunidos ao redor da fogueira que, seguindo uma escala, preparavam e acendiam, cantavam, brincavam e representavam várias cenas e depois, deixando a brincadeira de lado, oravam e estudavam uma história bíblica.

Aquela noite, Suzana, a conselheira do grupo de Ricardo, notou que este não participava da fogueira com alegria e o entusiasmo de outras noites. Assim, pois, quando teve oportunidade lhe perguntou o que estava acontecendo. Ricardo queria muito a sua conselheira. Era muito carinhosa e compreensiva; parecia-lhe até que a sua voz era parecida com a de sua mãe. Especialmente nesta hora que ele estava triste, seria como se ela falasse com ele e o animou bastante. Não foi difícil abrir-se a ela.

- Eu não entendo o que me acontece. Hoje um dos meninos me deixou bastante triste. Mas eu o perdoei e não contei nada ao conselheiro que estava conosco na piscina. Mas eu não estou contente, cada vez me sinto mais triste e estou até arrependido de não o ter acusado.

O amor próprio de Ricardo estava muito ferido por não ter ganho a competição. E tinha sido por culpa de outro menino!

- A verdade é que você não perdoou, apesar de pensar que o perdoou. Você está apenas resignado com o que aconteceu. Você está segurando-se, mas a qualquer momento você vai estourar de raiva. Olhe, será melhor que você peça a ajuda ao Senhor. Ele vai ajudar você a perdoar como deve. Não é fácil. Só com a ajuda de Deus você vai aprender a perdoar “completamente”. E então você ficará contente. Experimente.

.O.O.

Na sexta-feira pela manhã tudo era movimento e novidade no Acampamento. Tudo tinha que ficar completamente limpo e arrumado porque o sábado era dia de visita. Pais, familiares e amigos viriam para visitar os acampantes e desde a diretora até o menor todos se esforçavam para conseguir que o Acampamento ficasse impecável em sua limpeza.

Além de fazer uma limpeza geral em sua própria tenda de lona, cada grupo tinha também uma tarefa especial. Uns tinham que rastelar e limpar o lixo, folhas e grãos na avenida de pinheiros que ia dar na entrada do refeitório.

O momento mais emocionante para as crianças deste grupo foi quando tiveram de queimar o lixo ajuntado. Acenderam uma enorme fogueira e, erguendo vassouras, rastelos e outras ferramentas de limpeza que puderam conseguir, saltaram e pularam aos redor do fogo. Sentiam-se verdadeiros índios, cantando o que tinham aprendido numa das noites passadas na fogueira:

“Kili kili kili kili wohs wohs wohs wohs
Queiun quin can caua
Kili kili kili kili wohs wohs wohs wohs
Queiun quin can caua
Era echaua echaua poli uama
Kili kili kili kili wohs wohs wohs wohs
Queiun quin can caua”

Os que tiveram de limpar o refeitório não os invejaram. Puderam brincar descalços quanto quiseram enquanto varriam o refeitório e depois jogaram água em abundância.

Não faltou aquele que, escorregando na abundante espuma que corria pelo piso, levou uma inesperada queda. Mas tudo era motivo para risadas e diversão. A limpeza culminou com uma regada geral dos arredores. Todos acabaram molhados e com barro até as orelhas!

Joãozinho estava no grupo que teve de arrumar e limpar a cozinha e a despensa. Vivo e travesso como ele só, Joãozinho foi o primeiro a descobrir, na parte superior de uma das estantes, um caixote cheio de mangas.

- Miguel, Graziela! Olhem o que encontrei aqui em cima!

Graziela estava limpando o forno; seu rostinho, suado e empoeirado, se iluminou de alegria quando viu as mangas que o Joãozinho lhe mostrava subido a dois caixotes.

- Estão maduras? - perguntou Miguel, interrompendo sua tarefa.

- Chisss! Estão uma gostosura! Mas não digam nada a ninguém; se os outros ficam sabendo o que encontramos, ficamos sem mangas.

O trabalho até que resultou mais agradável a partir deste momento porque, saboreavam uma das mangas que Joãozinho lhes passava.

Quando terminaram a sua parte de limpeza, os três concordaram que o “banquete” podia continuar na parte traseira de uma das tendas, onde ninguém os visse. Então Miguel e Joãozinho encheram seus bolsos das calças de mangas e correram para o lugar combinado; logo Graziela os seguiu, escondendo em seu avental a colheita que tinha carregado da despensa.

- Parece que algumas ainda estão verdes, não é? - disse Miguel, deixando uma e escolhendo as mais maduras.

- Mas estão gostosas do mesmo jeito. Olhe esta! - assegurou Joãozinho, enquanto comia uma suculenta.

No Acampamento podiam comer a fruta que quisessem, mas esta que estavam comendo parecia mais gostosa que qualquer outra. Na hora do almoço, o seu conselheiro estranhou que eles não comessem como era de costume. Um

prato que todas as crianças, quase sem exceção, esperavam ansiosamente era a sopa.

Algumas que em suas casas nem a provavam no Acampamento repetiam uma e duas vezes o prato de sopa que na hora das refeições lhes era servido. Mas neste dia nem Graziela, nem Joãozinho, nem Miguel a provaram.

- Não estão passando bem? - lhes perguntou o conselheiro.

Os três olharam um para o outro. Sorriam com malícia e afirmaram ao mesmo tempo que estavam perfeitamente bem.

- O que passa é que estivemos trabalhando muito limpando a cozinha e a despensa.

- Sabe, o forno estava tão sujo que precisei esfregá-lo várias vezes porque a dona Firmina, a que faz aqueles doces tão gostosos, nunca achava que estava suficientemente limpo.

Passaram bem a tarde, mas antes da hora do jantar Graziela começou a sentir fortes dores no estômago. O Joãozinho também não demorou a queixar-se. Não jantaram e durante a fogueira mal podiam ficar em seus lugares.

- Você acha que estou com febre? - sussurrou Graziela a Miguel, momentos antes de terminar a fogueira.

- Não, pelo contrário. Você está com as mãos geladas e está tremendo.

- Serão as mangas? - soluçou Joãozinho aos seus dois companheiros, apertando seu estômago.

O conselheiro decidiu que Graziela e Joãozinho passariam a noite no quarto da diretora porque os dois estavam passando mal e não iam deixar que os outros da tenda dormissem. Não tardou e o Miguel se uniu a eles, pois, pouco depois de deitar-se, começou a sentir fortes náuseas.

- Vocês beberam água da piscina enquanto tomavam banho esta tarde? - quis saber a diretora, enquanto tentava aliviar o mal-estar de cada um. - Hoje pusemos bastante desinfetante.

- Não estão melhorando estes doentes? - perguntou dona Firmina, entrando no quarto.- Aqui lhes trago um chazinho que tenho certeza vai fazer-lhes bem.

Graziela fez uma careta; o cheiro que exalava das xícaras fazia pensar que aquilo não era um simples chá. Mas quando viu que a diretora estava disposta a descobrir a origem do mal-estar, não se demorou e bebeu bastante, como também os outros dois, o que a dona Firmina lhes preparara. Quando achou que ninguém a escutava, murmurou baixinho:

- Será melhor que lhes digamos que devem ter sido as mangas.

- Isso nunca! - disse Joãozinho. - Vão deixar-nos sem sobremesa o restante do Acampamento.

A Miguel as dores que sentia não lhe deram oportunidade

De dar a sua opinião. Soluçou e queixando-se, começou a dizer:

- Estavam verdes! Eu avisei...!

- Chsss! Feche a boca! - exclamaram os outros dois.

A diretora e a dona Firmina tinham escutado e, sorrindo, olharam para eles, imaginando o que tinha acontecido.

- Então estavam verdes? Se você se refere às mangas que estavam na despensa que vocês limparam, tem razão. Quase todas estavam verdes. Só uma ou outra é que estava no ponto. Por isso ainda não as tínhamos servido no refeitório.

- Vocês comeram mangas? - perguntou a diretora, olhando-os fixamente.

Então Graziela começou a chorar. Miguel continuou queixando-se. Só o Joãozinho é que pôde responder, procurando desviar-se dos olhares dos demais.

- Eu as encontrei enquanto estávamos fazendo a limpeza e dei para eles.

- Comeram muitas?

- Sim, porque, quando terminamos de limpar tudo, levamos uma porção nos bolsos e continuamos comendo atrás de nossa tenda.

As duas boas mulheres olharam para as crianças procurando segurar a vontade de rir.

As crianças verificaram que pouco tinha durado o “prazer” de acabar com o caixote de mangas. A diretora não fez nenhum comentário, nem os castigou, como eles esperavam. Tampouco lhe tirou a sobremesa das refeições nos dias seguintes. Apenas lhes recomendou, com muito carinho, enquanto os acomodava em suas camas:

- Da próxima vez que queiram mais frutas além da que é servida nas refeições, não a roubem da cozinha nem a arranquem das árvores frutíferas do Acampamento. Peçam a fruta às cozinheiras; elas lhes darão a que esteja mais madura e não lhes fará mal.

- E agora chega de lamentações - acrescentou dona Firmina. - Vamos dormir, que todos estamos cansados e já é muito tarde. Com este chá que vocês tomaram e ficando bem agasalhados na cama, as dores vão logo passar.

- Se houver qualquer problema de noite, podem chamar-me. Deus está cuidando de nós aqui e será bom que cada um, antes de dormir, peça perdão a Deus pela travessura de hoje. Está bom? Boa noite!

Com estas palavras e um carinhoso beijo a diretora se despediu deles e os três se sentiram melhor.

A atividade cada manhã incluía uma aula bíblica por contada pela diretora. Todos gostavam da maneira como a senhora Luiza apresentava as histórias da Bíblia e como lhes explicava, de maneira bem simples, os ensinamentos que cada uma continha.

Após uma das lições, dona Luiza convidou as crianças a aceitarem a Cristo como seu Salvador. Tinha-lhes explicado bem claramente o propósito de Jesus morrer na cruz e várias das crianças depois ficaram conversando mais com ela sobre o assunto.

Notava-se a preocupação de alguns e em vários havia muita luta. Ricardo ficou observando Ernesto. Permanecia em seu lugar, mas mexia constantemente as mãos e os pés com impaciência e retorcia as mãos. Finalmente, se levantou e foi à frente. Ricardo ficou admirado. Ernesto também queria encontrar-se com Deus!

Durante quase todo o dia, Ricardo esqueceu-se do que tinha acontecido pela manhã. Ele não tinha entendido o que a dona Luiza tinha explicado sobre o perdão de Jesus. Ricardo lembrava-se, isto sim, do que Ernesto lhe tinha feito anteriormente, quando o empurrara na piscina e lhe fizera perder a competição. Tinha-se esforçado para perdoá-lo, como lhe tinha recomendado a dona Suzana, mas ainda havia muito rancor em seu coração.

Aquela noite, quando, após a fogueira, cada grupo foi para sua tenda, Ricardo tratou de aproximar-se de Ernesto. Tinha vontade de perguntar-lhe o que o tinha feito ir à frente após a aula bíblica daquela manhã.

Mas Ernesto ficou conversando com Graziela e com Margarida. Ricardo, então, foi para a sua tenda. Desde a sua cama, observou Ernesto, que tinha seu lugar no outro

extremo da tenda. Esse, quando terminou de se trocar, sentou-se na cama e começou a ler a sua Bíblia.

- Sim, a Ernesto aconteceu alguma coisa especial - pensou Ricardo.

Desde que começara o Acampamento não o tinha visto lendo a Bíblia. Tratou de pensar em outra coisa, mas a atitude de Ernesto chamava-lhe a atenção a ponto de sentar-se na cama e ficar observando-o. Agora Ernesto se tinha ajoelhado e estava orando.

Devagarzinho, Ricardo saiu de sua cama e, abrindo caminho por entre os meninos que ainda estavam trocando-se ou que conversavam, aproximou-se de Ernesto o mais que pôde.

O que estava dizendo não era uma oração decorada, como as que ele mecanicamente repetia quando ia dormir. Ernesto falava com Deus com toda a reverência, mas ao mesmo tempo com muita confiança.

- Eu não sei falar assim com Deus - pensou Ricardo com tristeza. - Não O conheço como Ernesto O conhece.

Com estes pensamentos foi deitar-se. No dia seguinte, Ricardo olhava a Ernesto com uma mistura de inveja e de admiração. Ernesto conhecia a Deus! E ele também queria conhecê-lo! Mas não tinha coragem de falar com alguém a este respeito. Como poderia ele falar com Deus como Ernesto o fazia?

Nesta noite, repetiu a breve oração que sempre fazia ao deitar-se. Afinal de contas, eram apenas alguns versos aprendidos quando ele tinha quatro anos. E agora já tinha doze anos!

Durante o dia seguinte, aconteceu algo que terminou com o problema de Ricardo. Quando todos estavam rodeando a piscina, para acompanhar as competições da tarde, um dos

meninos empurrou a Raquel para dentro da água junto com os outros do grupo. Raquel deu um grito e caiu na piscina.

É claro que foi desclassificada naquela competição, mas o conselheiro tinha visto o que acontecera e prometeu-lhe que na próxima corrida ela participaria. Raquel saiu da água com raiva e, chorando, começou a correr atrás do menino que a tinha empurrado.

- Você vai-me pagar! - gritava ela, tratando inutilmente de alcançá-lo.

Ricardo lembrou-se na hora do que lhe tinha acontecido um dos dias anteriores quando, por causa do empurrão que Ernesto lhe dera, não pôde concorrer.

- Ricardo, quero falar com você um momento. Vamos sentar-nos junto àquelas árvores.

Era Ernesto que o chamava! Ricardo se levantou e o acompanhou.

- Olhe, no momento em que Raquel foi empurrada é que me lembrei do que He fez o outro dia. Perdoe-me. Eu fiz aquilo em brincadeira.

- Bah...! Quase que já me tinha esquecido! - mentiu Ricardo, enquanto olhava sorrindo para Ernesto, que continuava “crescendo” perante ele. Então se decidiu e lhe perguntou:

- Ernesto, eu gostaria de ser como você. Necessito conhecer a Deus como já percebi que você O conhece de alguns dias para cá. Será que eu também posso conhecê-LO?

- Claro que pode! É muito simples! Deixe que Jesus entre em seu coração; é a única maneira de conhecermos a Deus.

- Mas é que eu...

- Você pode conhecer a Deus agora mesmo. Tudo o que você deve pedir é perdão a Deus pelos seus pecados, porque

Ele castigou seus pecados em Jesus, Seu único Filho. Por isso, por ter recebido Jesus o castigo pelos seus pecados, é que Ele pode ser o seu Salvador. Quando você pedir a Jesus para Ele entrar em seu coração, tudo vai ser diferente.

- Posso fazê-lo agora? - perguntou Ricardo meio indeciso.

- Agora mesmo - repetiu Ernesto.

Os dois meninos se afastaram mais do grupo que, com gritos e palmas, homenageava os vencedores das várias corridas. Ernesto orou primeiro e depois Ricardo. Este pediu a Jesus que fosse seu Salvador, que entrasse em seu coração.

Então percebeu que isto sim era falar com Deus. Não estava repetindo nada aprendido de cor, mas algo que sentiu naquele momento. E o disse com suas próprias palavras.

Juntos, os dois repetiram alguns dos versículos aprendidos naqueles dias. Para Ricardo muitos destes versículos eram bem familiares porque, desde bem pequeno, que os repetia com sua mãe, que os lia para ele em uma Bíblia grande que abria sobre seus joelhos.

Ernesto explicou-lhe bem alguns que ele não entendia. Várias vezes repetiram: *“Se alguém está em Cristo nova criatura é; as coisas velhas já passaram, eis que se fizeram novas”*.

Quando terminaram de orar e de falar, Ricardo sabia que ele também tinha encontrado o Salvador de Ernesto.

.O.O.

5

O senhor Jacinto, o dono de uma das chácaras vizinhas ao Acampamento, chegava todas as manhãs com sua carroça cheia de verduras, frutas e ovos. As crianças saíam ansiosas para esperá-lo à entrada do Acampamento.

Todos esperavam ansiosamente aquela hora, tanto por causa das gostosas frutas que ele generosamente costumava dar-lhes como também porque costumava acompanhá-lo César, seu filhinho de nove anos.

E César vinha sempre montado num potrinho branco que os meninos contemplavam extasiados. Todos os dias, pela ordem de chegada na entrada do Acampamento, César lhes permitia montar o animal.

Enquanto o senhor Jacinto descarregava suas cestas e ajudava as cozinheiras a ajeitar tudo na despensa, as crianças se divertiam a valer com o potrinho. Este, a quem seu dono chamava de “Flecha”, era um animal mui manso, mui tranquilo.

Docilmente ele atendia a vontade de cada um dos meninos que o montavam. Ia andando passo a passo, a trote ou a galope; parecia ter um interesse todo especial por fazer a vontade de cada uma das crianças.

- Dorita, agora é sua vez - disse César uma manhã e ajudou a italianinha a montar o potrinho.

- Obrigada, César. “Tanto” obrigada. Vamos, “Flecha”!

- Não lhe fale em italiano, que ele não vai entender! - lhe gritaram alguns enquanto Dorita se afastava em direção ao bosque que havia por trás das tendas de lona.

Dorita não disse nada, mas, quando esteve longe do grupo, acariciando o pescoço do animal, murmurou:

- Vamos “má liquero”, “Flecha”, que me “piache” quando corre “tuti” o que pode.

E “Flecha” começou uma alegre galopada. Dorita era tão magrinha que o potrinho quase nem a sentia sobre o seu lombo. Quando estavam voltando do curto passeio e se aproximavam de onde estavam os impacientes meninos,

“Flecha” tropeçou e caiu para a frente. Dorita saiu voando pelo ar.

César foi o primeiro a chegar ao lugar do acidente.

- Que aconteceu? Machucou-se, Dorita? - perguntou-lhe, ajudando-a a levantar-se.

“Flecha” tinha enfiado uma das patas dianteiras num buraco; ao cair para a frente, Dorita escorregara e, saltando por cima da cabeça do animal, foi parar a alguns metros de distância.

- Está bem, Dorita? Não se machucou? - tornou a perguntar César e, quando verificou que ela não se tinha machucado, mas que estava somente assustada, correu para junto de “Flecha”, que se esforçava para tirar sua pata do buraco. Era evidente que o animal sentia fortes dores na altura do joelho.

- Vamos, “Flecha”, puxe forte para cima, se não a pata vai afundar ainda mais e cada vez será mais difícil tirá-la daí.

Os meninos dividiam sua atenção entre Dorita, que tinha passado a ser o “personagem” da manhã e o pobre potrinho. Via-se que ele estava sofrendo bastante.

O senhor Jacinto e os conselheiros se aproximaram correndo porque os gritos tinham chamado sua atenção. Ajudaram César a tirar “Flecha” da incômoda situação.

- Acho que quebrou sua pata - comentou o senhor Jacinto, apalpando o animal, que com dificuldade apoiava sua pata no chão.

- Não, papai, não pode ser! Pobre “Flecha”!- soluçou César.

- Diz que quebrou a pata - disse Ricardo a Marcelo.

Todos rodearam em silêncio o pesaroso dono do animal. Como sentiam o que tinha acontecido!

- Olhe, não está podendo andar.
- Poderemos montá-lo outra vez?
- Será necessário chamar o médico.
- Você quer dizer um veterinário...

“Flecha” mantinha a cabeça abaixada e com dificuldade tratava de andar com sua pata machucada. Sofria e todos os meninos pareciam estar sofrendo com ele.

- Vamos pedir a Félix, o homem da venda, que nos deixe levá-lo em sua camioneta - disse a diretora e tratou de animar a César.- Não vai acontecer-lhe nada. Você verá como logo ele fica bom. Mas é importante que esta pata fique imobilizada. Vamos vendá-la provisoriamente e logo, quando ele esteja em casa, levaremos ali um veterinário para que o examine. Está bom, seu Jacinto?

Aquela manhã não se falou em outra coisa no Acampamento. Bem tristes, todos viram como entre o seu Jacinto e os conselheiros carregaram “Flecha” na camioneta; parecia que um nó se tinha feito na garganta de muitos quando o animal partiu rumo à chácara vizinha. César ia abraçado ao pescoço do animal, enquanto que grossas lágrimas rolavam pelo seu rosto.

- Poderemos montar novamente em “Flecha”? - perguntou Luizinho a dona Cristina.

- Com muito cuidado e muito descanso “Flecha” vai sarar. É um animal ainda jovem, forte e robusto. Vocês verão que logo vai ficar bom. Poderemos ir fazer-lhe uma visita quando esteja um pouco melhor. Que acham?

A que mais lamentava o acontecido era Dorita. Sua mãe e os conselheiros tratavam de consolá-la, mas ela se sentia culpada do que tinha acontecido com “Flecha”.

- Eu não vi o buraco. “Súbito” senti que “Flecha” caía e, quando percebi, eu já estava no chão. Poderá andar novamente?

Desta vez os meninos não riam. Escutavam Dorita invejando-a um pouco por ser ela a protagonista daquela aventura.

As notícias que seu Jacinto trouxe no dia seguinte não eram muito animadoras. O veterinário tinha confirmado que a pata de “Flecha” tinha sido fraturada na altura do joelho; parecia que, ao tentar retirar a pata do buraco, o animal tinha forçado de tal maneira que se produziu a fratura. Estava sendo tratado o melhor possível, mas seu restabelecimento seria lento.

- “Flecha” tem que ficar quieto, completamente quieto e, de preferência, deitado - disse seu Jacinto. - E César não quer separar-se dele; nem para comer sua mãe não consegue afastá-lo do animal.

As crianças o escutavam aflitas. Dorita também escutou com seus olhos bem abertos. De repente, uma ideia tomou conta de sua cabecinha. Aproximou-se do seu Jacinto e lhe perguntou:

- Onde estão “Flecha” e o seu “bambino”?

- Estão no estábulo; pusemos bastante palha no chão para ficar mais macio e para que possam descansar melhor. Bem, que vamos fazer! O único remédio é esperar. Até amanhã!

- Que “Flecha” melhore! Disseram vários quando seu Jacinto se despediu e subiu na carroça.

- Lembranças para César! Iremos visitá-lo quando “Flecha” esteja melhor - acrescentou a diretora.

.O.O.

- Chiss! Fique quieto! Se continuar latindo assim, alguém virá e “tuti” vão perceber que estou aqui! - murmurou Dorita, enquanto tratava de acalmar o cachorro que se alvoroçou quando a viu aproximar-se por trás do estábulo da chácara do seu Jacinto.

A pequena tinha resolvido ajudar César a cuidar de “Flecha”. Aproveitou a hora de descanso após o almoço para escapar do Acampamento, atravessando a cerca que dividia o Acampamento da chácara.

Devagarzinho, foi aproximando-se do estábulo. Não se via ninguém por perto. De repente, assustou-se ao passar perto de umas palhas, pois uma galinha também assustada saiu cacarejando, acompanhada de sua prole.

- “Tuti quanti” poderiam estar descansando - pensou, tratando de não assustar ainda mais a barulhenta galinha.

Quando chegou à porta do estábulo, viu “Flecha” estendido sobre a palha. Estava com a pata enfaixada, tal como explicara o seu Jacinto naquela manhã. Não viu a César por perto. Aproveitou e entrou, aproximando-se de “Flecha”. O animal levantou a cabeça ao escutar seus passos e olhou para ela.

- Eu não vi o buraco, viu “Flecha”? Eu não tive culpa! - disse ao animal, achando que havia nele um olhar de reprovação. Como resposta, “Flecha” deixou cair a cabeça e resfolegou.

Dorita viu por perto um balde com água. Estava muito quente no estábulo. Pensou que talvez o animal estivesse com sede; pegou no balde e o aproximou do animal. Este cheirou a água e com dificuldade se levantou um pouco, afundando sua cabeça na água fresca. Bebeu muito. Dorita olhava para o pescoço do animal; parecia que nunca ia terminar de

satisfazer sua sede. Estendeu a mão e o acariciou. Achou que o animal estava com febre.

- Se o César viesse! Queria dizer-lhe que gostaria de ajudá-lo a cuidar de “Flecha”. Mas durante quase uma hora que ficou ali, César não apareceu. Dorita molhou um trapo com água e o aplicou na cabeça do animal. Lembrou-se que sua mãe fazia algo parecido quando ela ou seu irmãozinho tinham febre. Ficou um bom tempo fazendo isso.

Então voltou correndo para o Acampamento. Ninguém tinha sentido sua falta. Nesta noite, ao redor da fogueira, quando todos estavam orando em silêncio antes de se separar, Dorita, sem que alguém ouvisse, orou assim:

- Ó Senhor, Te peço que cures “Flecha”, este animal, e fico tão triste por ter-se machucado.

Estando na tenda, deitada em sua cama, não conseguia dormir. Acompanhou todos os movimentos de suas companheiras e da conselheira até se deitarem. Quando ficou convencida que todas estavam dormindo, calçou seus chinelos e, sem fazer barulho, saiu da tenda. Dorita se arrumou e começou a correr até a chácara do seu Jacinto. Queria fazer uma curta visita ao animal para ver como ele estava. Contentava-se em vê-lo de longe. Por entre as nuvens, que corriam velozmente, de vez em quando brilhava a lua. Estava muito escura a noite.

- Será que conseguirei chegar até o estábulo? Estou com um pouco de medo - pensou e acrescentou: - Ó Deus, ajuda-me.

Quando estava perto do estábulo, escutou vozes. - César, esta noite você não vai ficar aqui. Deste jeito você vai acabar doente. - Precisa descansar um pouco. Esta noite está bem fria e vai ficar com frio aqui no estábulo. Prometo acordá-lo amanhã bem cedo para você continuar cuidando de “Flecha”.

- Mas, mamãe, “Flecha” está com febre. Papai diz que é por causa da inflamação que tem em sua pata machucada. Hoje não quis comer nada. Só tomou água e é necessário dar-lhe mais de vez em quando. Eu não quero deixá-lo sozinho. E se ele morrer esta noite?

A atitude decidida da mãe pôde mais do que a insistência do menino e Dorita, que tinha ficado escondida por trás de uma árvore, viu quando os dois iam para a casa deles. Na entrada do estábulo deixaram um farolete aceso. A menina se aproximou. “Flecha” estava na mesma posição em que o deixara naquela tarde.

- Sou eu. Queria saber como você estava passando.

Acariciou a cabeça do animal. César tinha razão. “Flecha” “queimava” de febre.

- Bem que eu achei esta tarde. Algo não está “bene”.

“Flecha” mal entreabria os olhos de tanto resfolegar ruidosamente. Dorita olhou ao seu redor. Que escuridão! Aproximou o farolete do animal e o examinou.

- Não, não vou deixá-lo sozinho esta noite. Está muito mal. Eu... Eu... - murmurou e se deteve porque achou estar ouvindo vozes lá fora. - Eu vou ficar aqui esta noite para cuidar dele. E se vejo que está morrendo... chamarei correndo o seu Jacinto e o “bambino”.

De vez em quando, Dorita sentia um pouco de medo e vacilava em sua decisão. Todas as sombras que via ao seu redor formavam formas estranhas; a cada momento pensava estar ouvindo barulhos estranhos dentro e fora do estábulo. Em um canto, descobriu uma galinha chocando um monte de ovos. Dormia profundamente, com a cabeça afundada entre as penas do seu pescoço.

Numa gaiola de madeira havia um coelhinho, que a todo instante punha a cabeça para fora e olhava curiosamente.

Parecia que a luz estava incomodando-o, como também os movimentos de Dorita. Esta cobriu a gaiola com um pano para que o animal pudesse descansar sossegado.

- Deus está cuidando de nós aqui - afirmou a menina e se aproximou para verificar o joelho de “Flecha”. - A pata todinha estava bem inchada.

Com muito cuidado passou a mão sobre a faixa. O animal mexeu a pata e se queixou. Dorita teve então uma ideia: a inflamação da pata se aliviaria se ela aplicasse compressas de água fria. Pegou o balde para molhar na água uns trapos, mas não havia água no balde. Então se lembrou que por trás do estábulo corria um corregozinho.

- Se levar o farolete, podem ver-me. Será melhor ir no escuro.

Pegou o balde e saiu do estábulo. Não foi fácil chegar no escuro até o córrego, andando por lugares que ela não conhecia. Duas vezes esteve a ponto de tropeçar em pedaços de tronco. Provavelmente este fosse o lugar onde o seu Jacinto rachava a lenha para a cozinha da casa.

Finalmente, chegou ao corregozinho e encheu o balde; a água estava mui fria. Voltou para perto de “Flecha” e, quando empapou um trapo e o aplicou ao joelho, o animal se sacudiu. Mas logo mais o frescor da água pareceu começar a aliviá-lo porque suspirou mais tranquilo.

Dorita logo perdeu a conta de quantas viagens fez entre o estábulo e o córrego. O que ela observava era que cada vez os baldes estavam mais pesados, mas não era necessário trocar com muita frequência a água em que ela empapava os trapos para aplicá-los na pata de “Flecha”. O calor que se desprendia da pata machucada e inflamada era muito e logo era necessário trocar as compressas.

A noite estava bem fria. De vez em quando, levantava-se um ar fresco que fazia a menina tremer, pois ela estava

usando apenas uma leve camisola. Mas “Flecha” tinha que melhorar. Será que era imaginação sua ou a inchação já estava diminuindo? Dorita não abandonou a sua tarefa e, apesar do cansaço, continuava com idas e vindas para o córrego. De vez em quando, o animal bebia água do balde que Dorita punha perto dele. Também lhe refrescava a cabeça e o pescoço com esta água fresca.

Quando começou a amanhecer, a menina caiu de cansaço sobre a palha, perto de “Flecha”. O sono a tinha vencido. O potrinho também dormia, aliviado e sem o desespero que tinha algumas horas antes.

- Papai, mamãe, venham logo ao estábulo! “Flecha” quase que não tem febre e parece que já está querendo levantar-se!
- gritou César desde a porta algumas horas mais tarde, quando foi ver o potrinho. - Uma das meninas do Acampamento está aqui dormindo.

Seu Jacinto e sua esposa chegaram correndo e comprovaram assustados o que César lhes tinha dito, gritando.

- “Flecha” está melhor, mas temos que levar esta menina para a cama. Está tremendo de frio - e, enquanto levantava Dorita em seus braços, a mamãe acrescentou: - É a “Tanita”, a filha da dona Carolina, que às vezes vem à chácara buscar coisas.

Dorita entreabriu os olhos, mas continuou dormindo. Tendo-a agasalhado bem, fecharam a porta do quarto e a mamãe pediu que César fosse correndo ao Acampamento para comunicar o que tinha acontecido.

A mãe tinha medo que a menina ficasse doente e desejava que, quanto mais depressa possível, a mãe da menina estivesse ao seu lado.

Seu Jacinto ficou no estábulo e quando viu os trapos molhados, o balde de água e “Flecha” quase sem febre, logo imaginou o que tinha acontecido.

- Os cuidados de “Tanita” o fizeram melhorar! - exclamou, perplexo, porque, no íntimo, não podia convencer-se do que tinha acontecido durante a noite no estábulo.

Os acampantes ainda estavam dormindo, pois era muito cedo. Mas a mãe de Dorita e a diretora já estavam em pé, tomando o café com, as outras cozinheiras.

Recebendo a notícia, correram junto com César para a casa deste. Quando a mãe da menina se aproximou dela, deu-lhe um beijo e mexeu a cabeça preocupada, dizendo:

- Pobre Dorita! Pegou toda a friagem, da noite. Isto vai fazer-lhe muito mal porque ela é muito fraca e resfria-se com facilidade.

A menina respirava com dificuldade, mas sua carinha manifestava uma enorme alegria.

- Isto vai prejudicar seu tratamento? - perguntou a diretora, quem sabia que a mãe estava muito esperançosa pela maneira como a menina estava recuperando-se no Acampamento, graças ao ar puro e à vida sadia que levava ali, junto com as outras crianças.

- Vai custar-lhe um pouco. Não será fácil tornar a estar tão bem quanto antes. Mas confio que o Senhor a ajudará. Logo Dorita estará melhor.

Vendo que a menina continuava dormindo, foram com a mãe de César para a cozinha, onde tomaram uma xícara de café com leite. Entre César e seu Jacinto, que iam e vinham do estábulo, contaram-lhes o que Dorita tinha feito durante a noite. Todos foram logo ver “Flecha”, e parecia estar bem melhor e até começava a comer um pouco de capim que César pôs perante ele.

Perto do meio-dia Dorita acordou. Sua mamãe não tinha saído do seu lado.

- Minha querida! Que fez ontem à noite? Como lhe ocorreu fazer tal coisa?

- “Flecha” não morreu? Ele está melhor?

Dorita tinha-se sentado na cama e, enquanto tossia forte, queria saber como estava o animal. Seu frágil corpinho se convulsionava com o acesso de tosse; sua carinha corada estava transpirando.

- Mamãe, “Flecha” estava muito mal e como César não ficou com ele durante a noite, pareceu-me melhor eu ficar para cuidar dele.

Da façanha de Dorita com muita admiração, vários queriam acompanhar o médico para trazer as injeções que o veterinário estava receitando. Finalmente, a diretora decidiu que Raquel junto com dona Nélida o acompanhariam.

- Olha só de que é foi capaz a...! - mas quem tinha começado o comentário parou imediatamente e não mencionou o apelido que tinham dado à menina. Em cada grupo, de manhã e à noite, orava-se a Deus pedindo a favor da saúde de Dorita. E não se passava um momento do dia sem que alguém estivesse fazendo-lhe companhia.

“Tanita” tinha deixado de ser o centro de zombaria para ser admirada e respeitada por todas as crianças do Acampamento.

Nos dias que se seguiram, “Flecha” continuou melhorando. O veterinário não conseguia explicação para o que tinha acontecido; não podia entender o porquê das melhoras com as compressas de água fria na pata machucada.

César e seus pais compreendiam uma coisa: o amor com que Dorita tinha tratado “Flecha” durante toda aquela noite tinha operado, sem dúvida, aquele “milagre”.

- Foi uma cura pelo amor - afirmava seu Jacinto.

.O.O.

7

Os pais de Ricardo, junto com Isabel e a vovó Ana, vieram ao Acampamento para visitá-lo um fim de semana.

- Como você está, moreninho? Até parece que está um pouco mais gordo! - exclamou a mamãe quando o abraçou.

- Estamos sentindo sua falta lá em casa -- disse a Isabel.

- Sim, de uma maneira muito especial. Isabel lembra-se de você quando a mamãe faz aquele pudim de que você gosta tanto - afirmou o papai, sorrindo, enquanto o beijava carinhosamente.

Todos em casa sabiam que para Ricardo aquela era a sobremesa preferida. Cada vez que a sua mamãe a preparava, os dois irmãos começavam a discutir sobre quem ia comer o maior pedaço.

- Já comeu aqui sua sobremesa preferida? - perguntou a vovó.

- Não, até hoje não nos fizeram pudim. Mas comemos outras coisas mais gostosas. Estão vendo aquela senhora que está ajudando a rachar lenha atrás da cozinha? Bem, ela faz cada torta...

- Isto é para que você divida com seus companheiros - disse a mamãe, entregando-lhe um pacote grande e bem embrulhado.

- Obrigado. Certamente aqui há rosquinhas e balas e tudo de que gosto.

- A tia Maria mandou para você umas empadinhas que fez ontem à noite. Eles voltaram ontem pela manhã de suas férias, mas ficou acordada até de madrugada para poder preparar isto para você.

Marcelo, que este dia não estava recebendo visitas e que estava em volta do grupo formado por Ricardo e sua família, se aproximou e lhe disse ao ouvido:

- Lembre-se que somos amigos! Guarde alguma coisa para a hora do descanso. Vamos comer tudo entre os dois.

A vovó, que tinha visto o gesto do guloso, abriu sua carteira e tirou dois saquinhos de balas. Os dois meninos pularam de contentes porque os doces os atraíam muito e já fazia vários dias que não comiam doces.

Ricardo tinha estado esperando que sua família chegasse para contar-lhes tudo o que tinha acontecido nos dias anteriores. Agora não sabia por onde começar. Limitava-se a responder as perguntas que todos lhe faziam e, quando se lembrava, intercalava alguns comentários sobre o que tinha estado acontecendo.

O que mais lhe interessava era dar-lhes a boa notícia acerca de sua experiência junto com Ernesto. Mas como todos os meninos e os familiares estavam fazendo tanto barulho ao redor deles, decidiu deixar a surpresa para a tarde.

Durante o dia todo, os visitantes compartilharam com as crianças a vida do Acampamento. As atividades não eram interrompidas e todos tiveram oportunidade de apreciar e dar valor ao programa diário. Aqueles que não tinham recebido visitas uniram-se aos grupos dos que conversavam com seus familiares e nenhum deles ficou sozinho.

Todos também saborearam as coisas gostosas que enchiam as bolsas dos que tinham chegado aquela manhã.

Ricardo aproveitou a hora de descanso para contar a seu pai o que lhe tinha acontecido. Desde que era bem pequeno, lembrava-se ter sempre sido muito amigo do seu pai. Juntos passeavam, faziam compras para a mamãe, arrumavam o quintal ou o jardim, lavavam o carro...

Sempre conversavam muito os dois, especialmente de noite, quando Ricardo ia dormir e seu pai chegava perto de sua cama. Então conversavam sempre um bom tempo sobre tantas coisas...

Quanto Ricardo aprendia com seu pai! As coisas que não entendia na escola, as suas leituras que lhe deixavam dúvidas, cenas nos programas de televisão que lhe eram confusas, tudo o comentavam juntos. Ele não tinha segredos para seu pai.

Por isso, quando Ricardo disse ao seu pai que tinha aceitado Jesus como seu Salvador, que agora podia falar com Deus com toda a confiança, o pai quase não soube o que dizer. Emocionou-se muito e o abraçou fortemente.

- Você nunca se arrependerá de ter feito isso, meu filho. Durante todos estes últimos anos, sua mãe e eu temos estado contando histórias e lições bíblicas para você. Várias vezes lhe contamos sobre a morte do Senhor Jesus a favor de todos nós.

- Mas eu nunca podia imaginar que fosse por mim; eu não entendia como Jesus podia perdoar meus pecados - disse Ricardo.

- Nunca quisemos forçar você a tomar uma decisão, mas sempre estivemos orando por você. E agora que você já é um filho de Deus você pode imaginar como estou contente e como a mamãe vai ficar assim que o saiba. Vamos dar-lhe a boa notícia agora mesmo.

Ricardo não tinha visto Ernesto o dia todo e, como queria que seus pais o conhecessem antes de irem embora, perguntou à conselheira:

- Dona Suzana, há tempo que não vejo o Ernesto. Onde ele está?

- Como seus pais avisaram que hoje eles não poderiam vir para visitá-lo, a diretora lhe pediu que fosse até a vila para acompanhar a vovó Irma; ela tinha que fazer algumas coisas lá e como ainda não tem seu braço completamente restabelecido da fratura quando caiu no curral, alguém precisava dirigir a charrete.

- E Ernesto sabe guiar a charrete?- perguntou Ricardo, lembrando-se que muitas vezes tinha visto a velhinha passar, dirigindo sua charrete.

- Ele disse que sabia. Será uma grande ajuda para a vovó.

- A que horas será que ele vai voltar? Meus pais estão aqui e eu gostaria que ficassem conhecendo o Ernesto.

- Tudo vai depender das compras que a vovó Irma tiver que fazer. Ah, acho que também iria ao médico pra ver como estava o braço.

- Que pena! Falei tanto a meus pais sobre o Ernesto e eles queriam conhecê-lo, mas acho que terão que ir embora sem o ver.

- Você pode fazer uma coisa. Eu dou licença a você para que acompanhe seus pais até o ponto onde têm que pegar o ônibus de volta. Talvez no caminho você encontre o Ernesto. Tenha muito cuidado quando esteja andando pela estrada e lembre-se que a estrada ali é bem movimentada. Quando esteja de volta no Acampamento, procure-me, para que eu saiba que você já chegou.

- Puxa vida, é verdade que me dá esta licença para sair do Acampamento? Muito obrigado! Vou avisar meus pais.

- Se não encontrar o Ernesto pelo caminho, volte assim que seus pais peguem o ônibus.

A paisagem desde o Acampamento até a estrada era muito pitoresca; por ambos os lados da estrada de terra havia chácaras e chalés, como também um viveiro que ocupava uma boa extensão de terreno.

Olhando por cima da cerca, podia-se ver a grande variedade de plantas que ali eram cultivadas; tudo estava muito bem cuidado, desde as bonitas folhagens até as mais formosas espécies florais. Em amplas estufas, com paredes e teto totalmente de fibra de vidro, cultivavam-se delicadas plantas.

Cada vez que Ricardo passava ao lado do viveiro, não podia resistir à tentação de admirar tudo quanto de formoso se via no interior.

-Olhe, vovó, aquele canteiro coberto de margaridas. Repare, lá dentro, as primeira das estufas; são orquídeas.

- É verdade? Como você sabe? Eu não posso distinguir desde aqui - disse a mamãe, esforçando-se para distinguir o que Ricardo tinha mencionado.

- Faz uns dias passamos por aqui quando um dos jardineiros estava trabalhando na cerca e ele foi dando-nos o nome de algumas plantas que conhecíamos. Nos disse que lá dentro cultivam orquídeas e que pedíssemos à diretora para que um dia nos trouxesse aqui para visitar o viveiro.

- Que lindo! Como gostaria de eu também poder visitá-lo!
- disse Isabel, que estava admirada diante de tanta formosura.

- Papai, por que algumas flores se fecham à noite? - perguntou Ricardo, que já tinha observado como as pétalas de algumas flores se fechavam ao entardecer.

- Algumas flores fecham suas pétalas ao anoitecer e outras o fazem quando chove. Tornam a abrir quando sai o sol. É a sua maneira de proteger o seu pólen. Como se fosse uma porta automática, as pétalas atuam de comum acordo com o sol e seus raios regulam esta maravilhosa função.

- Ricardo, me parece que aquele que vem por ali deve ser seu amigo Ernesto. Não é aquele que está conduzindo a charrete que se desvia da estrada para pegar a de terra? - perguntou a vovó.

- Sim, vovó. É Ernesto.

- Que boa vista que a senhora tem, mamãe! - exclamou a mãe de Ricardo.

Realmente, era Ernesto que avançava para eles. Ricardo pulou de contente porque estava ansioso que sua família conhecesse seu colega.

- Mas vem sozinho. Por que não está trazendo a vovó Irma de volta?

Quando estavam perto uns dos outros, Ricardo correu para a charrete.

- Ola, Ernesto! Estes são meus pais, minha vó e minha irmã Isabel. Já estavam indo embora, mas como eu tinha muita vontade que conhecessem você, a dona Suzana me autorizou a acompanhá-los até a estrada porque disse que era quase certeza que por aqui nos encontraríamos. Mas onde deixou a vovó Irma?

Ernesto primeiro cumprimentou a família de seu amigo e depois explicou:

- Precisou ficar no povoado. O médico lhe fez um curativo no braço que estava engessado e parece que alguma coisa não está certa porque, depois de ficar algum tempo no consultório, me disse que seria melhor que a vovó ficasse esta noite internada.

- Mas ela está passando bem? - quis saber a mãe de Ricardo.

- Sim. Eu acho que o médico terá que fazer alguma coisa que vai demorar algum tempo e, como estava ficando tarde, não deve ter querido que a vovó chegasse tarde em casa.

E, enquanto Ernesto falava desceu a charrete, segurando as suas mãos nas rédeas do animal.

- Você está de parabéns; sabe guiar muito bem - comentou o pai de Ricardo. - Até parece que está acostumado a guiar.

- Vou bastante à chácara de meu tio. Sempre me deixam montar os cavalos mansos e guiar a charrete que usam ali. Nunca tinha guiado na estrada, mas a diretora soube que eu sabia manejar a charrete e me pediu que acompanhasse a vovó. Fiquei contente e, graças a Deus, não tive problemas.

Depois de comentar a boa notícia que Ricardo lhes tinha dado acerca da experiência que ambos tinham tido, a mamãe sugeriu que regressassem ao Acampamento.

- Meninos, está começando a escurecer. Nós continuaremos até a estrada e vocês voltam agora.

Ricardo despediu-se de sua família com um forte abraço e subiu na charrete. Era a segunda vez que viajava naquele tipo de veículo e isto era para ele uma aventura. Cumprimentaram os que se afastavam e rumaram para o Acampamento.

- Tenho que ir à casa da vovó para avisar seu filho que ela ficou no povoado.

- Sim, mas ao passar pelo Acampamento será melhor avisar a diretora para não ficar preocupada com a nossa demora.

Momentos depois, os dois meninos chegaram à casa da vovó. Fulgêncio, o filho, saiu a recebê-los e logo quis saber o que tinha acontecido com sua mãe. Quando Ernesto lhe informou o que tinha acontecido, mostrou-se um pouco preocupado e prometeu ir ao povoado para ver sua mãe assim que terminasse suas tarefas. Ficou muito agradecido pela companhia que Ernesto tinha sido para a sua mãe.

Ernesto e Ricardo voltaram devagar para o Acampamento. Já estavam surgindo as primeiras estrelas e era muito interessante ir descobrindo-as no vasto céu. Chegaram bem na hora quando todos estavam preparando-se para o jantar.

Na manhã seguinte, quando tinha terminado a aula bíblica e já estavam começando a brincar no campo de futebol, Fulgêncio chegou ao Acampamento. Falou com a diretora e pouco depois esta mandou chamar Ernesto.

- Como vai a vovó? - perguntou o menino, que foi correndo ao seu chamado.

- Ontem à noite estive lá e eu a vi. Está sentindo muitas dores porque teve de tirar o gesso, que estava machucando seu braço. Foi necessário tomar algumas injeções porque havia uma infecção e algo mais que eu não entendi - explicou Fulgêncio. - O médico acha que esta tarde poderá voltar para casa.

- Fulgêncio veio pedir-me se esta tarde deixaria você ir buscar a vovó, porque ele não tem ninguém para recolher as vacas, é tarde e não poderá ir ao povoado. E é sempre melhor fazer a viagem de dia e não de noite, principalmente por causa da dona Irma, entende? Ernesto, você gostaria de ir buscar a vovó?

Ernesto vacilou; olhou para a diretora e a confiança que sentiu em seu olhar o ajudou a resolver.

- Bem, se os senhores acham que eu dou conta, estou à sua disposição.

- A vovó me disse ontem que guiou você muito bem e com muito cuidado. Eu sei que não é fácil guiar a charrete pela estrada, mas trate de ir sempre pela direita. Vou atrelar o “Pancho” em lugar do “Mouro” porque assusta menos, pois já está acostumado com a estrada.

- Dona Luiza, pode deixar o Ricardo ir comigo? - perguntou Ernesto, imaginando como seu companheiro ficaria contente com a viagem.

- Se você me prometer ir devagar e que não vai parar pelo caminho, não me oponho. Mas há lugar na charrete para os três? Será que a vovó não vai viajar de maneira incômoda, se Ricardo fôr com você?

- Ele pode viajar na traseira e a vovó pode vir na frente comigo.

- Então espero você às quatro horas - disse o Fulgêncio. - O médico disse que de tarde mamãe já poderia ir para casa.

- Vá tranquilo, Fulgêncio. A esta hora os dois meninos estarão na sua casa - assegurou a diretora.

- Muito obrigado, dona Luiza. É uma grande ajuda para mim. Não sei como poderei agradecer os favores que mamãe e eu temos recebido de vocês.

Para Ernesto e para Ricardo aquela foi uma tarde inesquecível. A viagem de ida foi feita conversando o tempo todo sobre o que viam e como havia muitos lugares que não conheciam decidiram que, na volta, perguntariam muitas coisas à vovó.

Quando chegaram ao médico, a vovó já estava pronta para viajar e, sem perda de tempo, iniciaram a viagem de volta. Dona Irma esqueceu-se um pouco de seu braço conversando com os dois meninos. O tempo todo estiveram cantando e conversando.

A anciã contou-lhes uma grande quantidade de coisas interessantes acerca dos diferentes lugares por onde iam passando. Naquela escola, já quase destruída pelo tempo, Fulgêncio tinha aprendido a ler e a escrever.

- E a fazer algumas contas; apenas o necessário para poder ajudar o seu Félix no armazém, porque, quando ele ainda era bem pequeno, meu marido ficou doente e Fulgêncio teve que ir trabalhar. Ainda bem que o seu Félix lhe deu serviço!

- E até que ano ele fez?

- Acho que foi até o terceiro, mas não o terminou, porque o meu querido João morreu neste inverno e Fulgêncio não voltou mais para a escola. Depois, quando as coisas fiaram mais acertadas, quis voltar a estudar, mas não houve jeito. Olhem aquela fazenda! Trabalhei ali durante dez anos. Boa gente aquela! Vinha trabalhar logo cedo, quando começava clarear, trabalhava o dia todo e, ao anoitecer, voltava para casa. Sempre a pé, porque esta charrete só a pudemos comprar quando as coisas foram melhorando para Fulgêncio. Foi quando começou a cuidar de gado. Então veio mais gente para cá e começou a haver mais empregos. Depois construíram aquela fábrica grande que se vê na curva da estrada. Então, como vinha gente para trabalhar aqui, fizeram aquela estação do trem. Foi quando Fulgêncio começou com a linha do leite, carregando os tambores para enviá-los à cidade.

As crianças perguntavam e perguntavam e a anciã respondia, com todos os detalhes, tudo o que sabia sobre os arredores e sobre a gente que morava naquele lugar.

Aprenderam tanto naquela viagem que, ao chegarem perto do estábulo, lamentaram que o tempo tivesse passado tão rapidamente. Teriam querido continuar viajando e conversando com a encantadora anciã.

- Obrigada, meninos. Vocês foram muito bons para mim. Nem sei como recompensá-los. Ah! Vamos fazer uma coisa. Pare a charrete diante do armazém do seu Félix, que vou comprar-lhes algumas coisas gostosas.

Ricardo e Ernesto trataram de convencer a vovó para não se preocupar com eles.

- Ontem estiveram no Acampamento meus pais e me trouxeram uma boa quantidade de doces - disse Ricardo, para impedir que a vovó descesse da charrete.

- Bem, então entrem um momento em casa, que vou dar-lhes alguma coisa para levarem para o Acampamento.

Quando chegaram à casa, Fulgêncio já tinha terminado de fechar os animais no curral. Saiu a recebê-los e ajudou sua mãe a descer da charrete.

- Como está? Continua doendo o braço? Olá, rapazes! Muito obrigado por trazerem mamãe!

- Venham um momento - disse a anciã. - Entrem, entrem e tomem um pouco de leite fresco. Não devem ter comido nada já faz várias horas.

Depois de mais algum tempo de conversa com a anciã e seu filho, os dois meninos regressaram ao Acampamento com dois grandes pacotes de manteiga caseira que a vovó insistiu que levassem.

- É feita em casa. Está fresquíssima. Não é o suficiente para agradecer-lhes tudo o que fizeram por mim e por meu braço. Até amanhã!

- Que domingo tão diferente” - comentaram os dois. -
Graças a Deus por nos ter usado para ajudar a vovó.

.O.O.

8

- Ótimo! Vamos começar agora mesmo! - gritou Luizinho certa tarde, após escutar o que Alberto estava propondo.

- Chiss! Não grite tão forte! Lembre-se que vamos fazer isso os dois sozinhos. Assim que tenhamos uma boa coleção, então chamaremos a todos para que venham vê-la - continuou Alberto, em voz baixa.

Tratava-se de um segredo. Juntos, iriam buscar bichos e insetos que encontrassem no Acampamento e nos arredores. Os planos eram que, quando tivessem uma boa quantidade, convidariam todos os meninos e os conselheiros para que admirassem a coleção.

Nesta mesma tarde dedicaram-se a procurar caixas de fósforos vazias, tubos, frascos, garrafinhas e todos os recipientes que achassem para poderem guardar neles os bichinhos que encontrassem em sua exploração.

Luizinho estava muito entusiasmado; nunca tinha feito nada parecido. Em umas férias que tinha passado na praia junto com Priscila, os dois tinham ajuntado um monte de conchinhas; mas eram todas iguais e a procura não tivera nada de emocionante. Mas agora não cabia em si de contente, porque Alberto o tinha escolhido como companheiro no seu projeto.

- Como é que você teve tal ideia? - lhe perguntou, enquanto, dissimulando perante os outros meninos, estavam ajuntando os recipientes achados, pondo-os num cesto do Acampamento.

- No ano passado, quando passei uma semana com um primo que mora no interior, fizemos uma coleção assim.

- E você acha que por aqui encontraremos muitos bichos raros?

- Você vai ver! Há mais do que você imagina; mas é necessário andar sempre bem atento em qualquer lugar por onde se esteja porque, quando menos se espera, aparece um.

- Olhe ali. Entre aqueles arbustos vi passar algo correndo. Será uma víbora? - e com o susto, caíram de Luizinho todas as caixas e frascos que carregava.

- Não creio que seja uma víbora. Não existem nesta região. Talvez seja uma lagartixa. Mas com o barulho que você fez ao deixar cair tudo isto, ela já deve estar bem longe. Precisa andar com cuidado e não espantá-los com os gritos.

- Não há perigo em segurar lagartixas com as mãos?

- Não, mas o rabo e o corpo inteiro são tão frágeis que é necessário ter muito cuidado, senão vai ficar com a ponta do rabo na mão.

- Ai, pobre animal! Eu não penso em pegar nenhuma. Quando vir uma, avisarei você para a apanhar.

Alberto riu com o medo do seu amigo. Quando deixaram toda a sua carga de recipientes no cantinho escolhido, bem oculto entre o matagal, então começaram a “caçada” antes que escurecesse completamente.

- Cada um tem que carregar sempre uma lata; aqui iremos pondo os bichinhos que encontrarmos. Cuidado para não a deixar destampada, porque podem escapar.

Para não despertar as suspeitas dos outros, combinaram ir cada um por um canto. Duas vezes ao dia se reuniram no lugar escolhido para ajuntar os insetos.

Quando chegou a hora do jantar, Luizinho aproximou-se de Alberto e lhe disse ao ouvido:

- Você encontrou muitos? Eu tenho uma lata com três moscas e uma com cinco formigas e um bichinho preto que não conheço; o encontrei na casca de uma das árvores.

- Não está mal. Eu encontrei vários. Depois de jantar, trata de conseguir uma vela e vamos correndo guardá-los. Cuidado com os meninos! Vão deixar cair sua lata! - exclamou Alberto, vendo que Luizinho tinha deixado sua lata na entrada do refeitório, no mesmo lugar por onde os outros entravam.

Durante a fogueira daquela noite, todos ficaram meio assustados quando, no meio da história que o professor estava contando, sentiram algumas batidas numa lata.

- Que foi isto?- perguntou uma das conselheiras, dirigindo a luz de sua lanterna para o lugar de onde provinha o barulho.

Mas Luizinho conseguiu esconder bem a sua lata e quando, após a fogueira, se reuniu com Alberto lhe explicou:

- Havia um grilo na grama, perto de onde eu estava sentado. Pulou duas vezes tão de perto de minha mão que não me pude segurar e por medo que escapasse tampei a lata com muita força, fazendo aquele barulho. Mas acho que ninguém percebeu que tinha sido eu.

Nesta noite, depois de insistir muito com os outros meninos, conseguiram que os deixassem colocar as suas camas juntas. Alberto queria continuar fazendo planos para a “exploração” do dia seguinte.

Já tinha verificado que Luizinho não conhecia muito de insetos e tinha medo que só ajuntasse formigas, moscas e mosquitos. Por isso queria dar-lhe algumas explicações. Puseram a lata debaixo da cama; o canto do grilo os

acompanhou aquela noite. Quando estavam deitados, Alberto começou a explicar em voz baixa:

- Debaixo de grandes pedras ou de troncos caídos você pode encontrar centopeias. E é verdade que cada uma tem cem pés?

- As maiores têm uns cem pares de patas; elas têm umas unhas afiadas. Você deve agarrá-las com cuidado, de preferência com um pauzinho ou com um arame. Aproxime delas a lata e empurre-as para dentro. Há também escabelhos; são insetos com quatro asas. Se conseguirmos algum, vamos colocá-lo dentro de uma garrafa para que o possam ver através do vidro. Tenho visto também gafanhotos; são estes insetos que têm as patas de trás muito compridas e fortes, para poder saltar.

- Alberto e Luizinho, já está na hora de dormir ou será que não ouviram o apito? - disse a diretora que, enquanto fazia a sua habitual ronda pelas tendas, escutou os dois “coleccionadores” falar animadamente. - Deixem a conferência para amanhã.

- Sim, senhora. Terminamos já - assegurou Alberto e fez um sinal a Luizinho para parar de falar.

- Uma pergunta só. Eu escutei que César, o filho do seu Jacinto, disse que “Bolacha”, o cachorrinho peludo que ganhou faz pouco tempo e que sempre está com ele, está cheio de pulgas. Você acha que poderei tirar-lhe algumas para nossa coleção?

Alberto tampou o rosto com os lençóis para segurar uma risada por causa da ingenuidade do seu colaborador.

- Vai ser muito difícil que possa agarrar alguma; são muito pequenas e pulam com uma agilidade incrível. Além disso, não creio que “Bolacha” deixe você tirar uma pulga sequer. Ele é muito travesso e irrequieto!

No dia seguinte, em todo momento livre que eles tinham, punham-se a campo para enriquecer a sua coleção. No fim do dia já tinham uma vespa, duas abelhas, três lagartixas e uma centopéia que Alberto tinha encerrado numa garrafinha com muito cuidado. Tinham também uma quantidade considerável de bichinhos cascudos, formigas, vermes, borboletas, caracóis e até uma barata gorducha que Luizinho descobriu enquanto estava guardando seus talheres na despensa.

- Acha que já temos suficiente?

- Gostaria de poder pegar um sapo ou uma rãzinha - disse Alberto, enquanto contemplava os animais já conseguidos.- Isso não!

- Isso não! Que nojo! Eu não me atrevo a pegar um sapo.

- Não precisa pegá-lo com a mão. Você verá como eu faço. Vamos à chácara do seu Jacinto. Tenho certeza que encontraremos algum num corregozinho dali.

Não lhe foi fácil encontrar um sapo. Mas depois de muito andar por entre o pasto, perto do córrego, Luizinho exclamou muito agitado:

- Aqui, aqui! Me parece que pulou um!

Alberto tirou seus chinelos e com uma lata na mão se enfiou no lugar apontado por Luizinho. Havia um sapo ali, mas se assustou e pulou para perto de onde estava o pobre menino, que saiu assustado também. Alberto saiu do matagal e sem muito trabalho agarrou o sapo e o pôs na lata.

- Já está aqui preso. Não se assuste; pode voltar.

- É que um menino me disse uma vez que os sapos atiram um líquido que, se toca nos olhos, deixa a gente cega.

- Quem faz isto não é o sapo. Vamos, ajude-me um pouco. Tenha cuidado para que a lata fique tampada, enquanto ponho os chinelos novamente.

Luizinho se aproximou e obedeceu o seu amigo com muito entusiasmo. Respirou mais fundo quando Alberto, satisfeito de ter completado a coleção com o sapo, decidiu que ao meio dia falaria com a diretora para anunciar a inauguração da exposição.

- E de onde vocês tiraram estes bichinhos? - perguntou a dona Luiza, sorrindo, quando lhe falaram da coleção.- Não podia imaginar que houvesse tantos bichinhos raros compartilhando conosco o Acampamento!

- Buscamos pelos quatro cantos. Parece-me que não deixamos nenhuma pedra sem levantar e sem revistar - afirmou Alberto, contente porque sua ideia tinha agradado à diretora.

- E todos os animais estão vivos? - quis saber ela, imaginando como seria aquela exposição com tantos animais.

- Alguns morreram porque faltou ar para eles respirarem onde os colocamos. Mas já os preparamos para a exposição; alguns estão espetados sobre uma madeira.

No final do almoço, os dois pediram silêncio a todo o grupo e, ante a admiração geral, fizeram o convite para visitarem a “1 Grande Exposição de Insetos e Outros Bichos”, como a definiu Alberto. Não foi fácil segurá-los até que a original exposição estivesse aberta ao público.

Que orgulhosos estavam os dois quando crianças e conselheiros começaram a admirar a exposição!

- E vocês ajuntaram tudo isto?

- Que coisa linda! Quantos tipos de bichinhos!

- Alberto, posso ficar com aquela borboleta? - perguntou Alice, apontando para uma das borboletas mais bonitas.

Todos tinham alguma coisa para perguntar e algum comentário para fazer. Como eles tinham imaginado, o sapo e a centopéia atraíram a atenção da maior parte. As meninas se assustaram um pouco, principalmente com o sapo, que pulava o tempo todo ameaçando pular para fora do balde com um pouco de água onde o tinham colocado. As lagartixas procuravam uma saída na estreita caixinha de cartolina que lhes servia de gaiola.

- Você estão de parabéns - disse a dona Suzana.- Que acham se levamos a exposição para o salão para que as pessoas que venham visitá-los no sábado possam admirar o que vocês fizeram? Aqui, se chover, tudo vai-se perder. E seria uma pena porque está tão bem arrumado.

Todos aceitaram a ideia com muito entusiasmo e, sob a direção dos dois colecionadores, transportaram todos os bichinhos para o salão.

- Também podemos convidar os vizinhos para que venham visitar a exposição: o seu Jacinto e família, a vovó Ima e o Fulgêncio, seu Félix - sugeriu Marcelo, enquanto acomodava num canto o sapo com o balde.

- E que acham se pedimos licença à mamãe de Dorita para trazermos aqui a menina para que ela veja tudo isto? - sugeriu Davi aos meninos do grupo.

Dorita continuava repousando e, embora tivesse tido permissão para levantar-se e sair um pouco fora, a maior parte do tempo o passava recostada em uma cadeira, no refeitório e num dos quartos. Estava proibida de andar muito e de fazer qualquer esforço; ela passava o tempo todo contemplando a incessante atividade das outras crianças.

- Que boa ideia!, exclamou Viviane. - Entre todos nós podemos carregá-la e a trairemos devagar até o salão.

Com a autorização da mamãe e a entusiasta colaboração de Dorita, entre cinco meninos a levaram à exposição; a menina passou uma tarde muito feliz, observando tudo e escutando as explicações que Alberto e Luizinho lhe faziam.

- Eu sempre tive vontade de fazer alguma coleção assim - disse Dorita. - Minha tia me disse que posso ajuntar selos. Será fácil?

- Clato que é e você aprende muitas coisas com as coleções - disse-lhe uma das conselheiras, que a tinha escutado. - Você precisa de um álbum e pedir a todos os seus familiares e amigos que lhe guardem os selos que postam. São muito interessantes os de outros países, porque, através dos selos, aprendemos muitas coisas.

- A perfeição do corpo de cada animalzinho - comentou a dona Luiza, que se tinha aproximado do grupo - é uma evidência mais da sabedoria e do poder de nosso Deus, o único capaz de criar vida e de dar a perfeita forma a cada uma das Suas criaturas.

- Professora, veja que não existem dois bichinhos iguais. Cada um tem algo diferente dos outros. Que maravilha!

.O.O.

9

A lua cheia tratava de reluzir no céu, porque negras nuvens ameaçavam encobri-la. Era a última noite do Acampamento. O dia tinham passado tão rapidamente que os meninos não se podiam explicar porque as férias já chegavam ao final.

Durante o dia todo, o calor e a umidade tinham aumentado e todos esperavam que a chuva que parecia anunciada por aquelas nuvens negras chegasse logo para trazer algum alívio.

- Ah, se chovesse um pouco, poderíamos até respirar melhor. Se continuar fazendo este calor, nem poderemos dormir nas tendas - disse Marcelo.

- Será melhor. Assim vão-nos deixar tirar as camas e dormir fora.

- São tão lindas as chuvas de verão! - exclamou Mabela, olhando para o céu.

Agora as nuvens tinham ido embora e parecia que a chuva também. A diretora e os conselheiros conversavam com as cozinheiras, que sempre opinavam a respeito do tempo; estas afirmavam que a chuva viria de madrugada. Então decidiram fazer a última fogueira fora do Acampamento.

Uns dois quilômetros além da chácara do seu Jacinto, sobre uma pequena elevação, havia um lugar apropriado para isso.

- Talvez haja ali um pouco de correnteza de ar - suspirou dona Cristina, enquanto ia ajuntando o grupo.

Todos se encaminharam para a elevação, pulando de contentamento porque as novidades sempre os atraíam e era a primeira vez que teriam a fogueira fora do Acampamento. Os conselheiros e alguns dos maiores levavam lanternas e faroletes. Tinham medo de que, repentinamente, o céu escurecesse e que, ao voltar sem luar, tivessem problemas andando no meio da escuridão por lugares desconhecidos.

Tinham aprendido uma canção que entoavam a todo pulmão cada vez que saíam marchando. A noite calorenta de verão ficou mais contente ao ouvir o grupo de acampantes:

“Caminheemos, companheiros, sem cessar.

Caminheemos até não dar mais.

Caminheemos, companheiros, com os p0´res,

Enquanto o corpo avança.

Caminhemos, companheiros, sem cessar”.

- Ei, seu Guilherme! Por aqui há menos espinhos - advertiu Pedro a um dos conselheiros, que andava com um grupo encostado a uma cerca de arame.

- É mais emocionante ir por aqui! - gritou seu Guilherme e animou as crianças a continuarem cantando.

“Caminhemos, companheiros, sem cessar.
Se as pernas não nos podem aguentar,
Caminhemos de joelhos
Até formar feridas.
Caminhemos, companheiros, sem cessar”.

Quando começaram a subir a pequena elevação, os mais gordos começaram a suar de canseira. O calor sufocante aumentava a canseira. Por isso o canto já não soava tão entusiasta.

“Caminhemos, companheiros, sem cessar.
Se as mãos não nos podem aguentar,
Caminhemos com os cotovelos
Até que caíamos todos.
Caminhemos, companheiros, sem cessar”.

Os mais ágeis já estavam lá no alto e desde ali contemplavam o restante que, devagar, continuava subindo. No final estavam a dona Luiza e Ester, a mais gorducha das acampantes. Para as duas tinha sido um sofrimento aquela caminhada. Lá, no alto, todos estavam cantando forte:

“Caminhemos, companheiros, sem cessar.
Caminhemos até não dar mais.
E se ficar caído,
Que dirá? Que caminhei!
Caminhemos, companheiros, sem cessar!”

A lua brilhava naquele momento e cada um pôde procurar um lugar onde sentar e descansar. Durante algum tempo estiveram conversando e fazendo perguntas e comentários sobre tudo o que desde ali podia-se ver. Todos conseguiram localizar o Acampamento, apesar do espesso arvoredado que o rodeava.

- E lá está o armazém do seu Félix.

- E o viveiro, perto da estrada.

Era um verdadeiro espetáculo a constante passagem de carros que se via ao longe. Era uma avenida de luzes em ambos os sentidos. O trânsito era tão intenso que quase não havia espaços sem luz. Mais longe, distinguia-se a estação de trem, fracamente iluminada por algumas luzes.

- O Fulgêncio leva até aquela estação seus latões de leite todas as manhãs - comentou Ricardo, lembrando-se das explicações da vovó Irma.

Quando terminaram de contemplar os arredores, a maior parte concentrou sua atenção no céu, que continuava limpo. Certamente, a lua, com tanta atualidade, devido às viagens espaciais, atraiu a atenção da maior parte.

- Por que, às vezes, vemos a lua inteira e redonda e outras vezes a vemos como um pedaço de queijo? - perguntou Fabiano ao conselheiro.

- Embora pareça verdade o que você diz, a verdade é que ela nunca muda nem de forma nem de tamanho. Ela gira ao redor da Terra e reflete a luz que recebe do sol. Suas aparentes mudanças obedecem aos ângulos desde o qual a vemos em seu movimento e o de nosso planeta.

- Fabiano, você gostaria de ser astronauta, quando crescer? - perguntou-lhe Henrique.

- Gostaria muito, mas acho que não me animaria a isto. Você sabe quantas coisas deve saber quem faz uma viagem

destas? E é necessário ter muita coragem porque a aventura está cheia de uma infinidade de perigos.

- Quando você for maior provavelmente já não haverá tantos perigos e todas as etapas da viagem já serão mais fáceis - disse Beatriz, que parecia estar bem por dentro do assunto. - O manejo dos controles dentro da cápsula, o voo orbital, a alunisagem, a amerisagem e as tarefas de resgate serão então coisas simples e comuns como pegar um ônibus na rua ou descer de um trem na estação.

- Se eu chegar a ser um astronauta gostaria de ser como um dos que comandaram a nave espacial que, pela primeira vez, entrou em órbita na lua - afirmou Henrique. - Em um jornal onde havia muitas fotografias desta viagem, li que o único livro que os astronautas levavam a bordo era a Bíblia. E na noite de Natal, quando iam saindo do lado escuro da lua e viram a terra aparecendo no horizonte, dizia o comentário que eles leram os primeiros versículos da Bíblia: *“No princípio, criou Deus os céus e a terra...”*

- Eu também li isto, Henrique - acrescentou um dos conselheiros. - E estes momentos na nave espacial foram acompanhados por milhões de pessoas através da televisão, em transmissão direta.

- Eu também li isto, Henrique - acrescentou um dos conselheiros.

O comentário de Henrique deixou-os silenciosos, olhando admirados para a lua, objeto de tantos estudos e campo de futuras explorações.

- Olhem, olhem! Lá estão as “Três Marias”! - apontou Mário, interrompendo a contemplação geral.

- E lá está o “Cruzeiro do Sul”!

- Quem pode encontrar os “Sete Cabritos”? - gritou Ernesto.

- Você quer dizer um grupo de sete estrelas que estão bem juntas? - perguntou Ester.- Papai me disse que estas sete estrelas se chamam os “Sete Indiozinhos”. Serão as mesmas? -quis saber Graziela.

- Sim. Muitos lhes dão também este nome. E sabem porquê? Há uma história bem bonita a respeito - acrescentou dona Nélida.

- Por quê? Conte para nós - sugeriu a diretora e convidou as crianças a prestarem atenção.

- Conta-se que faz muito, muito tempo, havia uma família indígena formada pelo pai, a mãe e sete filhinhos. Um dia, durante uma epidemia que assolava a região, o pai sentiu que estava morrendo e chamou a esposa, recomendando-lhe o cuidado dos seus sete filhinhos. Mas a doença não repetiu a vida da mãe e das crianças e elas acabaram ficando sozinhas, órfãs, porque a mãe morreu também. O maior tinha apenas oito anos. Os outros índios da tribo os socorriam e ajudavam em tudo o que podiam, mas tinham medo que a doença que tinha levado seu pai e sua mãe, os levasse também. Assim, pois, deixaram alimento a uma distância prudente da oca onde viviam para que o restante da tribo não tivesse contato com eles e acabassem doentes também.

- E ninguém os levou para sua casa? - perguntou Alice, preocupada.

- Não e a lenda diz que os coitadinhos choravam na sua oca, chamando seu pai e sua mãe até que um dia decidiram ir reunir-se a eles. Com as mãos dadas, começaram a girar enquanto sussurravam: Quiyiac, quiyiac, quiyiac, e seus pés rapidamente e sem fazer barulho, giravam. Quiyiac, quiyiac, quiyiac e eles iam subindo devagar. Quiyiac, quiyiac e continuavam girando e subindo os sete indiozinhos. Quiyiac, quiyiac e se perderam na imensidão do céu, convertendo-se nas sete luminosas estrelas juntas, bem juntas.

- E se encontram com seus pais?

- A lenda termina dizendo que papai e mamãe, não muito longe, cuidavam deles carinhosamente, convertidos também em estrelas.

- Que bonito! Quiyiac, quiyiac...! - exclamaram vários.

Aquela foi uma fogueira inesquecível, não só pelo lugar escolhido, mas também pelos comentários que muitas crianças, a convite da diretora, fizeram acerca das férias passadas no Acampamento.

Os conselheiros comprovaram, contentes e bastante comovidos, que os acampantes não só se tinham divertido, tomando ar fresco e robustecendo-se fisicamente, mas que aquelas férias estavam terminando com proveitosas experiências.

Tinham aprendido muito da Palavra de Deus; levavam muito para compartilhar em seus lares.

- Eu lhes sugiro que desta última noite juntos levemos o pensamento que me inspira o “Cruzeiro do Sul”, que vemos claramente acima de nós, sobre nossas cabeças - comentou a diretora, antes de iniciar, a descida. - Não somente é uma maravilha a mais da Criação, mas também me recorda a cruz em que o Senhor Jesus morreu, porque nos amava e que através dela é que conseguiu nossa eterna salvação.

.O.O.

10

A chuva chegou mesmo na madrugada, tal como tinham previsto as cozinheiras, verdadeiras técnicas em previsão de tempo. Foi uma chuva forte e abundante, acompanhada de relâmpagos e de trovões, que deixaram preocupados os menores. Todos tinham ido deitar muito tarde porque a volta da fogueira tinha sido lenta.

Conselheiros e acampantes andavam devagarzinho, como se quisessem desfrutar ao máximo a última caminhada sob o luar. Quando chegaram ao Acampamento, tiveram a agradável surpresa que as cozinheiras, dedicadas mulheres, ajudadas pela vovó Irma, tinham preparado para eles. A vovó não tinha querido perder a última noite de Acampamento. Elas tinham preparado um delicioso refresco e doces que as crianças devoraram deliciadas.

Esta noite, o apito indicando a hora de silêncio e de descanso, sou perto da meia-noite, mas, mesmo mais tarde, continuava-se escutando vozes e risadas nas tendas.

Pouco a pouco, o cansaço foi tomando conta deles e quando caiu a chuvarada todos estavam dormindo. Só a diretora e os conselheiros estiveram atentos para evitar que a água acumulada no teto das tendas criasse algum problema.

Também era necessário vigiar em volta das tendas para evitar que nas valetas houvesse algum lixo que fizesse acumular água, podendo então entrar nas tendas.

Quando a chuva amainou, transformando-se numa chuvinha fina, todos foram dormir tranquilamente. Já tinham combinado que o apito para levantarem-se soaria uma hora após o horário de costume. Mas isto era o que eles tinham programado. As crianças tinham feito outros planos.

Algumas que, em acampamentos anteriores tinham participado de brincadeiras, disseram aos outros que na última manhã todos se levantariam mais cedo que a diretora e os conselheiros. Então os surpreenderiam com bastante barulho e diversas brincadeiras.

Todos se entusiasmaram com a ideia da bagunça logo cedo e, guiados pelos cabeças do plano, assim que amanheceu o dia, todos foram saindo em silêncio de suas tendas. Os mais dorminhocos ficaram na cama, prometendo ajuntar-se aos outros assim que conseguissem abrir os olhos.

Então se ajuntaram perto da piscina para organizar a brincadeira.

- Primeiro rodearemos o quarto onde dorme a diretora. Sem fazer barulho, cada um trate de conseguir um balde, uma lata ou qualquer coisa que, batendo nela, faça barulho - disse o Miguel, tratando de fazer-se ouvir por todos.

- Dona Nélide deixou seu apito perto do travesseiro. Eu vi ao sair da tenda - informou entusiasmada Mariquinha. - Se vocês acham bom, posso ir buscá-lo para fazer bastante barulho.

- Vá, mas tenha cuidado para não a acordar. Alguns podem pôr pedrinhas dentro de latas, tampá-las e fazer barulho sacudindo-as.

As cozinheiras tinham madrugado como de costume e, enquanto estavam cuidando das suas obrigações, tentaram aconselhar os cabeças da brincadeira a não se excederem na mesma.

- Fique tranquila, dona Carolina - disse lhe Davi.- Vamos divertir-nos com o susto que vamos dar-lhe, mas não quebraremos nada e nem machucaremos ninguém.

- Acho melhor escondermos todas as panelas, frigideiras e caçarolas - disse dona Firmina, pois já conhecia a fraqueza das crianças com aqueles objetos.

Cumpriram o que tinham combinado. Quando todos estavam completamente equipados, formaram uma fileira e rodearam o quarto onde dormia a diretora. Quando Miguel deu o sinal, todos começaram a cantar e a fazer barulho com as latas. O apito que Mariquinha tinha conseguido ajudava a aumentar a confusão porque muitos dos conselheiros saíram, pensando que estava na hora de levantar-se. Quando a criançada viu que a diretora já estava em pé, então foi a vez de mexer com os conselheiros. E com que cara de sono todos

foram saindo de suas tendas! Cada um, ao sair, era recebido com palmas e com risadas.

- Que se levantem! Que se levantem! - continuaram gritando e não pararam até que todos estavam em pé.

Lentamente e vencendo cansaço, todos se reuniram no refeitório. A diretora foi a última a chegar e as crianças a receberam com exclamações de alegria.

- Agora que todos já se levantaram e que estão tão contentes, vamos cantar a canção que nós aprendemos.

E a pleno pulmão entoaram:

“No Acampamento,
Todos mui contentes,
Meninos e professores
Damos glória a Deus!
Porque Ele nos guia,
Cuida de nós noite e dia
E nos dá alegria.
Glória a Deus!”

Cantaram até ficar roucos, pois continuaram com o amplo repertório de corinhos que tinham aprendido durante aqueles dias de inesquecíveis férias.

- Muito obrigada por tão lindo despertar! - disse a diretora, quando terminaram de cantar, fazendo força para conter sua emoção. A satisfação de contemplar aquele grupo tão alegre, tão decidido, fazia com que ela esquecesse o acordar inesperado. Com os conselheiros acontecia também algo semelhante.

- O café está preparado! - gritou uma das cozinheiras. - Arrumem as malas e os bancos que vamos servi-lo já.

A maior parte percebeu então que não se tinham lavado e nem escovado os dentes. Alguns nem sequer estavam calçados. Então a diretora sugeriu que o café esperasse um

pouquinho para dar tempo que todos se lavassem e terminassem de vestir-se.

Enquanto tomavam café, houve muita alegria e muitos “vivas!” para as cozinheiras e suas ajudantes. Era tanto o trabalho que elas tinham tido durante estes dias! E todos estavam-lhes agradecidos!

O restante da manhã transcorreu entre a arrumação das malas e a limpeza das tendas de lona e outras dependências do Acampamento. Alberto e Luizinho trataram de terminar logo a arrumação das suas malas e com o seu trabalho programado porque queriam recolher a sua exposição de bichos.

Tinham combinado que dividiriam a coleção, depois de dar à diretora e a cada conselheiro o inseto que eles preferissem. Enquanto corriam para o salão, Luizinho lembrou-se:

- O escaravelho maior é para dona Suzana.

- Sim, estou lembrado. E a borboleta alaranjada com manchas de cor marrom é para a diretora. Ela me recomendou muito que tivesse cuidado com ela para que não se rompesse. Vamos acomodá-los bem nesta caixinha de injeções que a mamãe de Dorita me deu.

Quando estavam chegando ao salão, viram que alguém estava lá dentro. Pensaram que talvez fosse uma das cozinheiras que estava fazendo arrumação por ali, mas ouviram barulho de latas. Alberto foi à frente e entrou correndo precisamente no momento em que Margarida levantava a tampa de uma das caixas onde estavam as lagartixas.

- Que está fazendo em nossa exposição?

- Nada, nada. Eu não queria fazer nada - mas com o susto que levou a caixa caiu de suas mãos e as lagartixas desapareceram debaixo de umas caixas.

- Por que você mexe no que não lhe pertence? - gritou bravo, Luizinho, lamentando ter perdido duas lagartixas que tão dificilmente tinha podido agarrar.

- É que eu... eu...

- Agora vamos contar à diretora - ameaçou Alberto, chateado porque Margarida precisamente no último dia pudesse acabar com a coleção.

A menina se pôs a chorar e Alberto se deteve. Então chamou o Luizinho que já estava saindo do salão.

- Espere, vamos ver a explicação de Margarida.

-É que eu... - soluçou - eu não estou levando nada de lembrança para minha mãe. Todos vocês compraram algo no armazém do seu Félix ou encomendaram alguma coisa do povoado; todos estão levando alguma coisa para casa. Mas eu não tenho dinheiro e não pude comprar nada. Então eu pensava poder levar-lhe alguns bichinhos. Minha mãe gostaria da borboleta.

- E por que não pediu para nós? Não sabe que é errado pegar o que não nos pertence?

- Eu não ia roubar nada! Estava só esperando que vocês chegassem para lhes pedir. Eu estava só escolhendo - mentiu a menina, porque a atitude em que a encontraram não indicava tal propósito.

Os dois meninos se entreolharam. Não estavam muito certos se era verdade aquela conversa da falta de dinheiro porque já tinham visto várias vezes a menina voltando do armazém e chupando balas e chocolates com outras meninas.

Mas as lágrimas e o tom choroso de Margarida fizeram com que eles a deixassem levar a borboleta que ela tinha escolhido como uma lembrança para sua mãe.

- Mas não diga nada a ninguém que lhe demos esta borboleta. Esconda-a bem para que não a vejam, senão todos vão querer levar algum bichinho e nós vamos ficar sem a coleção.

- Afinal de contas, nós perdemos muitas horas de piscina e de brincadeira atrás destes bichinhos - disse Luizinho, lembrado-se de quanto tinha andado atrás deles. - Acho que é justo que levemos alguma coisa para nossa casa. - Espero que sim. Houve calorosas promessas de escrever-se ou de visitar-se no decorrer do ano.

- Vocês vão voltar no ano que vem? - perguntou Viviane a Laura, que estava amarrando-se o cabelo com uma fita azul.

- Espero que sim! Nunca passei umas férias tão deliciosas! Eu acho que todas as crianças que vieram este ano vão voltar no próximo Acampamento.

Alguns, que as tinham escutado, comentaram que talvez os maiores tivessem que vir em outra data porque aquele Acampamento era para os que tinham até treze anos.

- O negócio é vir! - disse Joãozinho, olhando com saudade para todos os lados.

- Raul, olhe sua mala. Parece que você não a fechou direito - disse Ernesto.

A maior parte das malas e as sacolas tinham sido feitas às pressas e por mãos pouco experientes; de muitas delas, saía indiscretamente a ponta de uma calça ou alguma meia.

Como tinha sido difícil para alguns fazer com que toda a sua bagagem entrasse nas malas!

Houve até aqueles que acharam que estavam levando alguma coisa que não lhes pertencia porque não podiam entender que toda aquela roupa que tinham sobre a cama tinha vindo na mala.

- Prestem atenção por um momento - interrompeu a diretora, aproximando-se do grupo de acampantes deitados no chão.- Chegou o momento em que vocês têm que fazer uma decisão.

Todos se olharam surpresos, mas aqueles que já tinham estado em outros Acampamentos anteriores logo se lembraram do que ia acontecer.

- Ah, já sei, temos que...

- Temos que calar a boca - disse a dona Luiza e, enquanto cada um recebia um pedacinho de papel, foi-lhes indicando o que esperava que fizessem antes de se separar.

- Todos os anos escolhemos o melhor acampante. Este ano, vamos escolher dois, que vão representar os meninos e as meninas. A escolha será feita por vocês. - Têm alguns minutos para pensar e depois vão votar, escrevendo os dois nomes: o do menino e o da menina no papel que receberam. Depois de dobrá-lo bem, vão entregar ao senhor Guilherme. Junto com os outros conselheiros, eles farão a apuração e ficaremos sabendo quais foram os eleitos.

- Uii! Que difícil que é! Há tantos meninos e tantas meninas bonzinhos! - comentou um, coçando a cabeça.

- Pensem bem em todos, lembrando-se dos momentos que passaram aqui nestes dias. Haverá muitas coisas a orientá-los para decidir qual foi o menino ou a menina que se destacou por sua conduta, seu companheirismo, sua simpatia - recomendou a dona Cristina, andando por entre as crianças que, com muita seriedade, tratavam de ser justos na escolha.

Pouco a pouco, foram levantando-se de seus lugares e entregando ao seu Guilherme o seu voto.

- Vamos, Anita, vai chegar o ônibus e você ainda está chupando a ponta do seu lápis - gritou Raquel, vendo que uma das suas companheiras não se decidia.

Mas Anita estava observando o grupo, recordando-se de tantas coisas que cada um dos acampantes tinha dito ou feito naqueles maravilhosos dias de férias. Finalmente, se decidiu, escreveu os dois nomes e correu a entregar seu papelzinho.

Com que emoção as crianças esperaram o resultado da votação!

Os conselheiros se reuniram e não tardaram a obter o nome da menina e do menino que tinham sido eleitos.

- Certamente que não sou eu - pensou o Marcelo, lembrando-se das muitas brincadeiras que tinha feito naqueles dias.

- Eu aposto o que você quiser que entre as meninas sai a Graziela e entre os meninos o Ernesto.

- Pode ser, mas pelo menos eu não votei em nenhum deles. Meus melhores companheiros foram Dorita e Miguel.

Os comentários foram interrompidos pela voz da diretora que pediu silêncio para proclamar o resultado.

Todos os olhares se fixaram na folha de papel que ela segurava nas mãos; ali estavam os nomes dos eleitos.

- Alegro-me que tenham sido escolhidas estas duas crianças. Eu concordo com esta eleição porque, embora haja muitos meninos e meninas que também poderiam ter sido escolhidos, estes dois merecem realmente o título de “melhor companheiro” e “melhor companheira”.

A espera fazia-se longa e as crianças se impacientavam por conhecer os nomes.

- Os nomes, os nomes! - exclamaram alvoroçados.

- Bem, aí vão os nomes. Entre as meninas, Mabelita.

- Muito bem, viva Mabelita! - foi o grito entusiasta que se ouviu.

- E entre os meninos, Davi.

Outras exclamações e palmas acompanharam o nome do eleito.

- Os dois venham aqui à frente - pediu a dona Luiza, enquanto fazia sinais a dona Nélida para que se aproximasse.

Mabelita e Davi foram à frente e ficaram ao lado da diretora. Ainda mais perto chegaram quando foi para receber dois lindos livros cada um.

- Isto é um simples prêmio que lhes entregamos em nome dos acampantes - disse a dona Nélida, dando um beijo em cada um.

Os dois agradeceram a distinção e os presentes; não podiam acreditar no que estavam vendo, tal foi a surpresa de terem sido os escolhidos.

- Eu escolhi Mabelita porque sempre a vi sorrindo; nunca ficou brava nem resmunguenta por causa da comida ou porque estivéssemos demorando em ir à piscina - comentou uma das meninas.

- E eu votei nela porque Mabelita sempre pedia as coisas com bons modos. Ela nunca me empurrou nem a vi brigar por chegar primeiro ao refeitório ou para montar em “Flecha” quando seu Jacinto vinha com César.

Os comentários continuaram e os meninos conversavam entre si e também para justificar seu voto a favor de Davi. Uns opinavam que ele tinha tido ideias “geniais” para divertir o grupo; recordavam especialmente quanto os divertiu com suas histórias uma tarde de chuva que tiveram de ficar no

salão durante várias horas seguidas. Outros o tinham preferido porque nunca tinha deixado de dividir as suas coisas com os outros.

- Um dia ele chegou a jogar descalço para poder emprestar suas chuteiras ao Luizinho que tinha machucado seu pé e não podia jogar sem sapatos adequados - afirmou um.

- Olha o ônibus! - gritaram vários, vendo que pela entrada se aproximava o veículo.

- Agora vamos devagar. Nada de empurrões porque há lugar para todos - recomendou a dona Luiza. - Primeiro é necessário ajeitar todos os pacotes e depois você subirão.

- Eu quero ficar na janela!

- Eu quero ir na frente, ao lado do motorista!

Finalmente, toda a bagagem foi acomodada e para subir no ônibus formaram uma fila. Enquanto avançavam, olhavam saudosamente as tendas de lona, a piscina, o campo de futebol, o refeitório,... Cada recanto daquele Acampamento lhes era querido, ao ponto de custar-lhes separar-se dele.

À medida que iam subindo no ônibus, os privilegiados que tinham conseguido uma janela punham suas cabecinhas para fora para terminar de despedir-se de tudo o que tinha constituído seu lar nas férias.

O motor já estava ligado quando um grito comoveu todo o Acampamento.

- “Flecha”! “Flecha”!

Levado pelas rédeas por César, o potrinho estava entrando no Acampamento e avançava para o ônibus repleto de crianças. Caminhava ainda com dificuldade; seus olhos brilhavam ao escutar a gritaria.

- “Flecha”! “Flecha”! - continuavam gritando as crianças ao ver o querido animal.

- Onde está Dorita? - perguntou César quando chegara junto ao ônibus.

- Aqui na frente! - gritaram vários.

- Gostaria que você descesse para despedir-se de “Flecha” - sugeriu César com timidez. - Foi tão boazinha e cuidou tão bem dele naquela noite...

Dorita desceu e rodeou com seus braços o pescoço do animal. Parecia-lhe mentira que fosse o mesmo potrinho que naquela noite “queimava” de febre, caído sobre a palha do estábulo.

- “Chao, Flechita”! Fico contente que está “bene”. O ano que vem, vamos voltar todos. Eu vou trazer mais açúcar para você! - assegurou a menina, lembrando-se que os cavalos gostam de açúcar.

Os meninos tentavam acariciar o animal pondo seus braços para fora das janelas. César então contentou a todos fazendo com que “Flecha” desse uma volta ao redor do ônibus. Cada um pôde despedir-se do animal.

Entre os gritos e cumprimentos, o ônibus se pôs em marcha. Lá fora ficavam as cozinheiras e a diretora, que voltariam à cidade no dia seguinte. Junto à entrada os esperavam seu Jacinto e sua esposa, seu Félix, Fulgêncio e sua mamãe.

Todos tinham deixado suas tarefas normais para despedir-se daquele grupo de crianças que terminava de passar as férias no campo.

- Vamos sentir muito sua falta!

- Tenham uma boa viagem e que encontrem bem seus familiares!

- Muito obrigado por sua companhia e pela muita alegria que trouxeram aqui!

Risos, lágrimas, beijos e abraços e todos viram o Acampamento ficando para trás, como também as chácaras, o armazém, a estação e o viveiro. Pegaram a estrada e só então todos os braços e lenços deixaram de ser agitados em sinal de despedida.

- Obrigado, Senhor, por estas férias.

O coração de Ricardo pulava de alegria, lembrando-se dos dias passados e antecipando a alegria de reunir-se com os seus.

.O.O.